

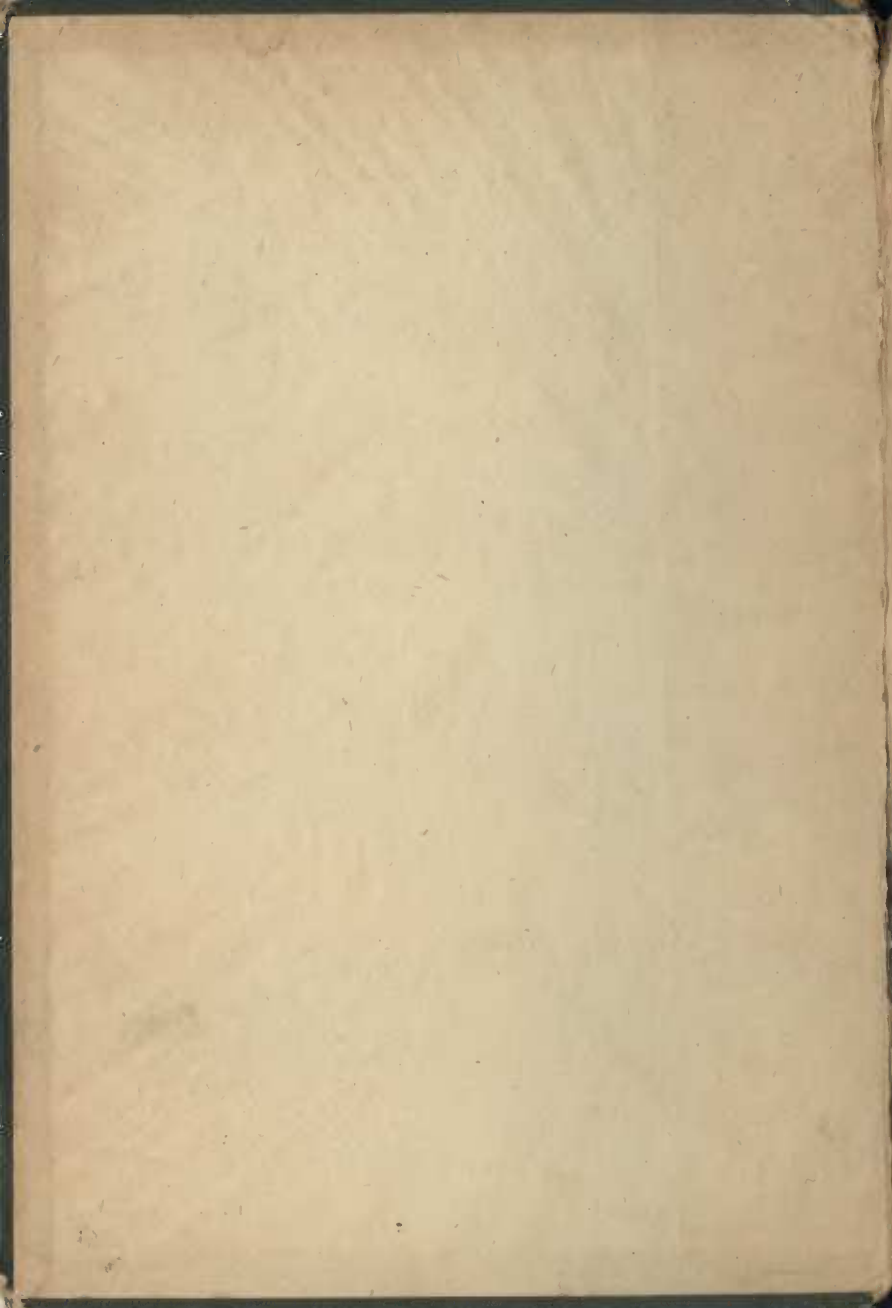
Para as Crianças

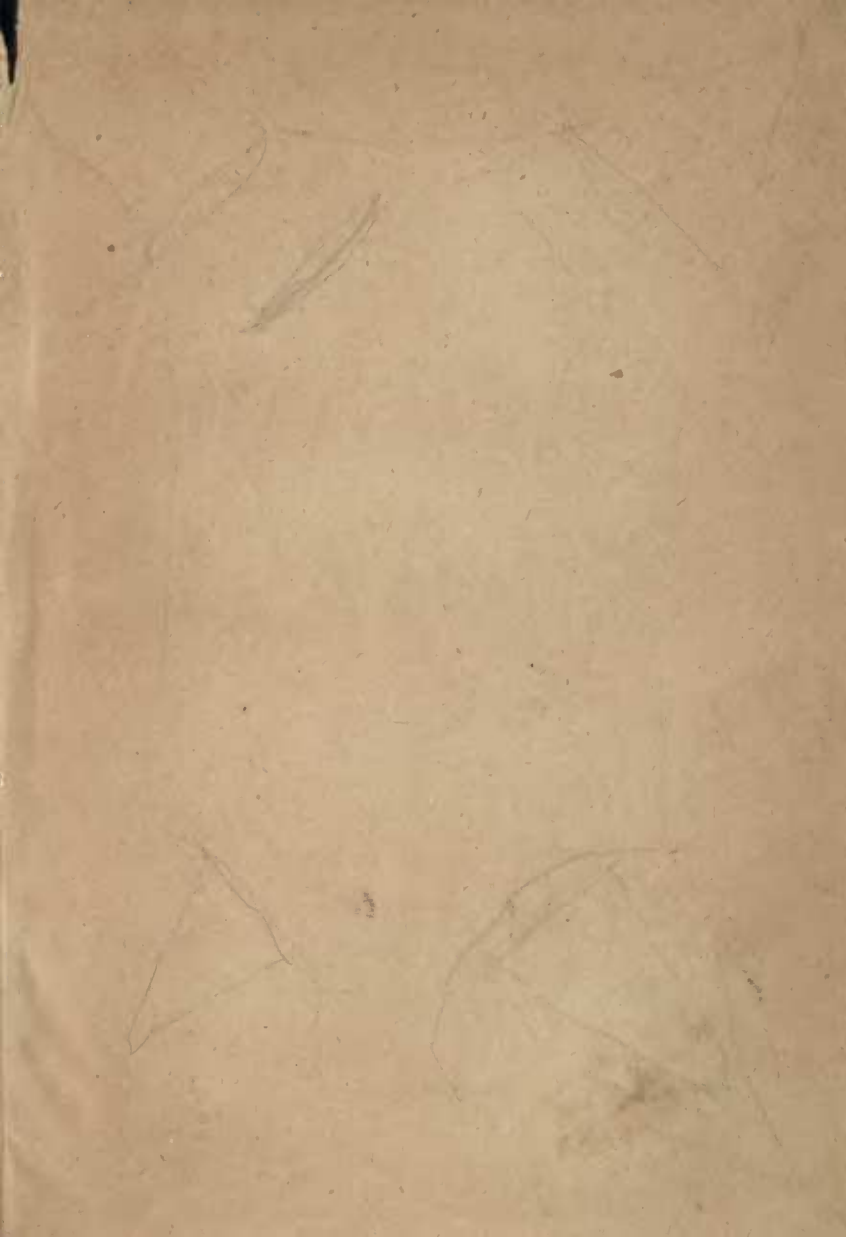
17.ª Serie



Teatro
Infantil

da de Castro Osorio







“PARA AS CRIANÇAS,”
TEATRO INFANTIL



LIBRARY OF THE
MUSEUM OF NATURAL HISTORY



L. N. 492

ANA DE CASTRO OSORIO



1.493h.

“Para as Crianças,,

Numero na estante 49

Biblioteca Movel-Tipo B n.º 19

TEATRO INFANTIL

Numero na estante 49

Biblioteca Movel-Tipo B n.º 19

17.ª SÉRIE

COMÉDIAS, DIALOGOS, MONOLOGOS E RECITATIVOS



4027

CASA EDITORA «PARA AS CRIANÇAS»

Depositários em Portugal: LIVRARIA FERREIRA -- LISBOA

Depositários no Brasil: EMPRESA DE PROPAGANDA LITERÁRIA LUSO-BRASILEIRA

S. PAULO

1913



INCORPORAÇÃO

082

P
16690

TEATRO INFANTIL



PAULINO DE OLIVEIRA

O Segredo de Araci

(Ao Sr. Luís Leitão)

PERSONAGENS :

- ARACI
 - ISMÉNIA
 - CARLOTA
 - MANOELA
- } meninas entre 10 a 14 anos educandas num colegio.
- PROFESSORA — uma menina mais velha vestida de senhora.

Crianças de ambos os sexos.

A cena passa-se num pateo que serve de recreio num colegio. Ao lado direito, arvore copada e banco de jardim. Ao lado esquerdo vê-se a casa do colegio, com janelas rasgadas e porta larga com alguns degraus. Ao fundo cancela aberta dando para espesso arvoredo.



CENA I

Crianças de ambos os sexos e algumas mocinhas brincam e folgam em diversos jogos. A professora, muito grave, lê atentamente um livro, sob a arvore, sentada no banco de jardim.

ISMENIA

Como quem continua uma conversa :

...; Não me dirás o motivo
Porque a *nossa figurôna*
Cae no gôto a toda a gente?!...

Com despreso:

¡E anda sempre tão *ratôna*!...

CARLOTA

¡Lá com isso não concordo!
Traja muito pobremente
E certo, mas aceada,
Bem compostinha e decente.

ISMENIA

¡Não digas isso; é demais
A fórma em que se apresenta!...

¡ Lembra-te do que recitas :
 « *Que nem oito nem oitenta !* »

CARLOTA

¿ ¡ Que culpa, dize, tem ela
 De andar assim mal trajada,
 Se como nós não é rica,
 Se é pobresinha, coitada ! ?

ISMENIA

Amuada :

¡ Pois sim ! . . .

CARLOTA

¡ Se tu me disseses
 Que tem modos de doutôra,
 E que, assim modesta, irritam
 Os seus ares de Senhora . . .

Vá lá ! . . .

ISMENIA

¿ Nem repara, a tôla,
 Que é de côr de trapo velho ?
 ¿ ¡ Não terá, a miseravel,
 Em casa ao menos um espelho ? !

CARLOTA

¡ Outra injustiça que fazes
 A pobre . . . Não sejas tonta !
 Aqui, como em parte alguma,
 Sêr de côr não é afronta . . .

Pois ahi ha companheiras
 Da mesma côr, mesma raça
 De quem até és amiga . . .

ISMENIA

; Mas essas têm outra graça!...
; São *coisa* bem diferente!
; Não têm ares superiores!...

CARLOTA

; Ah, então só as admities
Sendo a ti inferiores!...
Não acho graça nenhuma
Nesse modo de pensar...
Assim, não mais te acompanho
No recreio a passear.

Que ela seja para ti,
Para nós todas, odiosa,
Pela fôrma com que a tratam,
De que se mostra orgulhosa...

; Quem não ha de compreender
E dar-nos razão, em suma?...
Que ela ainda, vendo bem,
Disso não tem culpa alguma ..

ISMENIA

Irritada :

Estás mudada, amiguinha.
; Já passaste a defendê-la!...
; Pois ha pouco, e mais do que eu,
Bem clamavas contra ela!...

Eu cá por mim não me importo,
Que sou ruim, de mau pêlo...
; Agora tu, que em bondade
Podes servir de modelo!

Tu que estudas a valer,
E és calada como um rato,

Que és bonita como um anjo,
E nunca quebraste um prato,

Achas acaso justa
Que te tratem por somenos
Ao pé dessa *lambisgoia*,
Cujos dons não conhecemos ;

Que fala e se mete em tudo,
Irrequieta e mexida.
(; E dizem só mal de mim!...)
; A indagar da nossa vida!

; Que mais vale do que tu?
(; Põe-te agora a contestar!...)
Ao pé dela és um cordeiro,
E's a bondade exemplar.

CARLOTA

Convencida :

Sim, lá nisso tens razão...
Sendo eu estudiosa e bôa,
(; Não é lá para gabar-me!)
E' caso p'ra que me dôa.

Só vê-la elogiada, a ela,
Inda na coisa mais fútil,
E aos de dentro e aos de fóra
Ouvir que só ela é útil...

ISMENIA

Triunfante :

Ahi tens tu, minha amiga,
E' por demais irritante
Como toda a gente a amima
E a elogia a todo o instante.



¡ As professoras, então,
E' mesmo um nunca acabar!
E a pequenada, até essa,
Só a escolhe para brincar.

¡ E os animais, o *Leão*,
Que é tão brutal para todos,
Já viste como ele a trata,
Com que meiguice e que modos?

¡ Eu não sou capaz de achar
O segredo disto tudo:
Para nós tudo é ortigas,
P'ra ela tudo, veludo!...

CARLOTA

Como que raciocinando:

A culpa deve sêr nossa...
São feitos, condições...
Tu és demais expansiva,
E eu... pouco para expansões.

Resoluta:

¡ Mas, afinal, dize lá:
Para nos julgarem fúteis
Não têm razão?... que fazemos!?
¡ Nós sômos duas inuteis!

CENA II

As mesmas crianças e meninas, e mais ARACI. A professora continua distraída com a leitura; só de quando em quando, vigilante, olha por sobre os oculos para a criançada que se diverte. Algumas das crianças mais pequenas que têm visto ARACI a desembocar do fundo, toda saltante e alegre, correm com ela e atrás dela, interrogam-na, em alarido.

ARACI

Que vem a correr ainda, descoberta e afogueada :

¿ Que fui fazer?... ; Não lhes digo!...

1.º MENINO

Trazendo-lhe, açodado e contente, um chapéu de palha de abas largas, que tinha cahido na corrida, ao fundo, junto da porteira :

¿ Aqui tens o teu chapéu !

ARACI

Tomando o chapéu quasi indiferentemente, e continuando :

Se lhes dissesse, ficavam
Sabendo tanto como eu.

MANOELA

¿ Dize, Araci, onde foste,
Que hõje nos abandonaste?...
Ninguem já sabe do jogo
Que tu hontem ensinaste.

PROFESSORA

Interessando-se na conversa :

¿ Dize, Araci. Onde andaste,
 Sem quereses companhia,
 Por este sol de torrar,
 A esta hora do dia ?

ARACI

¿ Se eu fôsse dizer a elas
 'Stava bem da minha vida !
 ¿ Era excursão mais alegre,
 Porem *caçada* perdida !

PROFESSORA

Espantada :

¿ ¿ *Caçada* ? !... pois tu tambem,
 ¿ ¿ Araci ! ? ¿ Não é possivel !...
 ¿ Araci não vai aos ninhos,
 Que é o crime mais horrivel !

ARACI

Formalisada :

Pois a senhora julgou-me
 ¿ ¿ Capaz *disso* cometer ! ?...
Caçada, eu disse... *caçada*,
 E' um modo de dizer.

Pois saiba a Senhora e todos
 Todos quantos aqui estão
 Que peor foi o meu crime
 Que foi outra a negra ação.

Caçando matam as aves,
 Eu *caço* p'ra lhes dar vida.

Sinais de admiração em toda a criançada.

Caçada é como quem diz...
Fui dar-lhes' agua e comida!

1.^a MENINA

¿ A's avesinhas do céu?!...

2.^a MENINA

¿ Aos passarinhos do ar?!...

ARACI

¿ A essas mesmas, então?!...

ISMENIA

Impertinente:

Estás comnosco a troçar...

CARLOTA

Desdenhosa:

¿ E ainda o que tem mais graça
E' a Araci divertida
Não só levar-lhes manjar,
Tambem levar-lhes bebida!

ISMENIA

Trocista:

¿ Feliz ave que tal graça
Dessas bentas mãos apanhe!
Foi um banquete completo...
Tendo a agua por *champagne*.

ARACI

Séria:

Pois façam troça, julgando-me
Como quizerem. Eu li,
Num livrinho esta manhã
(Que recomendo a quem ri...)

Que as aves não tendo agua
Em que mitiguem a sêde,
Vão-se aos frutos mais maduros...
(¡E' lindo o livrinho, lêde!...)

Que quanto a comida, elas
Têm quasi sempre a faltar,
No seu melhor acepipe:
Os maus insectos do ar...

PROFESSORA

Interrompendo:

«Tens razão, bôa Araci...

ARACI

Naturalmente, sem affectação:

A razão é do livrinho...

PROFESSORA

Continuando:

E' como faz o viandante
Exausto, pelo caminho,

Leguas e leguas sem fonte,
Queimado do sol, sequioso:
Se lhe vem á mão um fruto,
Chupa-lhe o suco gostôso.

ARACI

Lamentosa:

¡E então neste ano de sécas!...
¡Quanto custo, quanta mágua
Ter que andar, voar um dia,
Para achar um fio d'água!

E ainda serão felizes
 Se aos filhinhos inocentes
 No bico, á volta, trouxerem
 Dois pingos d'água trementes...»

1.º MENINO

¿ E se não trazem, coitados!?...

ARACI

Vão-se á fruta bem madura.
 No seu sumo assucarado
 E' que matam a segura.

4.º MENINO

¿ Ai a nossa rica fruta!...

ARACI

E' por isso — vêde bem —
 Que mais cresce e aquece o ódio
 Que muita gente lhes tem.

CARLOTA

¿ São uns ladrões, afinal!...

ISMENIA

¿ Uns bandidos indecentes!...

ARACI

Gravemente :

Se furtam é que precisam...
 Sejâmos mais indulgentes.

¿ Sabem vocês o que eu penso?
 Que devia sempre haver
 Tanta fruta que chegasse
 P'ra todo o mundo comer.

Que não fôsse só os *lanches*
 E as sobremesas dos ricos,
 Mas também dos pobresinhos...

MANOELA

¡¿ E também dos tico-ticos?!...

ARACI

Sim senhora... ¡¿ Porque não?!
 Da passada em geral,
 Pagando o bem que nos faz,
 — O muito bem, que não mal.

Para a criançada que a rodeia:

¡ E estão vossês admiradas!...
 ¡ No nosso doce país
 Em que ha primavera eterna
 Ainda ela é bem feliz!

Mas outros ha em que o gêlo
 (Li no tal belo livrinho)
 Não deixa uma folha ao menos
 Com que encobrir um só ninho.

Esses povos, porque são
 Instruidos e educados,
 Fazem casas para os pássaros,
 P'ra seu abrigo, coitados.

São casinhas de madeira,
 Tendo junto agua e alimento;
 E assim, resguardados, passam
 O frio inverno violento.

Neste clima o que isso seja
 Só muito mal percebemos...

¿; Ao pé disto que valia
Terá o que nós fazemos!?. . .»

PROFESSORA

«Mas afinal, Araci,
Tu ainda não disseste
O *segrêdo* da excursão...
A *proêza* que fizeste...

ARACI

Ah, sim!... Pensei, lendo o livro,
Que não ha fonte aqui perto...
Fui pôr um alguidar d'agua,
Mal vi o portão aberto

Que dá para a nossa mata. . .
; Se visseis! ; Era um cardume!
Deitei primeiro as migalhas,
As migalhas do costume.

Era p'ros chamar tambem,
E foi um bom chamariz.
Depois, o alguidar ao lado...
A falta de chafariz.

; Se visseis com que alegria
Pousou o bando, (tamanho
Que breve o alguidar cobriu)
Bebendo e tomando banho!

Ao vê-los, tão regalada
Cá por dentro me sentia,
Que tive a impressão de que eu
Tambem com eles bebia.

Mais alegres do que nós
Nas tinas, a chapinhar...

Já não fujo a uma tal festa,
E poupo assim o pomar.»

MANOELA

A'manhã iremos todas
Ajudar-te no serviço.

ARACI

¡Fica-me a *fonte* deserta,
Com o vosso reboliço!

¡Nada!... Seria melhor,
Cada qual em seu lugar,
Construir seu tanquesinho:
Ir lá pôr um alguidar.

4.º MENINO

Muito bem!

MANOELA

Para o recreio
De manhã.

1.º MENINO

Bravo!

5.ª MENINA

¡Apoiado!

Sôa a sineta.

PROFESSORA

E agora vamos, meninas,
Que o de hõje está acabado.

Graças a Araci, o de hõje
Foi de todos o melhor.
Em memória dele em breve
Ao conselho irei propôr

Que um bonito lagosinho
Aqui perto se constrúa...

Abraçando e afagando ARACI:

Até para mim foi bôa,
Foi util, a lição tua.»

Vão sahindo todos. Só ficam ISMENIA e CARLOTA.

CENA III

ISMENIA e CARLOTA ficam a um canto, ainda estupefactas,
dialogando.

CARLOTA

Concordemos. Tem razão
Toda a gente em a estimar.
O seu *segrédo* e condão
E' muito fácil de achar.

; Assim a imitar pudéssemos!
; Com que actividade e arte
Ela a bondade e a alegria
Espalha por toda a parte!

E' natural no que faz
Tão simples! — notaste bem?
Por mim estou convencida...

ISMENIA

Eu convencida tambem.

ANA DE CASTRO OSORIO

O Mêdo

COMEDIA NUM ACTO

Para duas meninas e quatro meninos

PERSONAGENS:

- LUCILIA** : (familiarmente chamada Luci) menina de 11 a 12 anos. Para este papel deve escolher-se uma criança simpática, graciosa e inteligente, sem exagerar a natural desenvoltura que o personagem requer.
- CLARA** : E' companheira de Luci e pouco mais ou menos da mesma idade. Criança educada no campo, serena e forte. Este papel não deve ser exagerado nem inferiorizado.
- HUMBERTO** — Menino-homem de 12 para 13 anos, todo pretencioso e cheio de *prósa*, é como que o mentor de Germano e Ernesto que admiram a valentia que apregôa ter.
- GERMANO** — Tambem fingindo-se valentão. Pouco mais ou menos a mesma idade de HUMBERTO, um pouco menos pedante.
- ERNESTO** — Criancinha de 6 a 7 anos, é levado pelos outros, faz o que eles indicam.
- LEOPOLDO** — Menino de 14 anos ou mais alguma idade. Serio e comedido.

Criadas e criados

A cena passa-se na clareira dum parque com mesas rústicas e bancos em roda. Encruzilhadas de ruas arborizadas, sendo a da direita do espectador a que dá para a casa de habitação.



CENA I

E' noite escura. De quando em quando sente-se a distância um trovão. LUCI entra trazendo CLARA pela mão, como quem a vem guiando, de vagar, tateando no escuro, e prestando ouvidos a qualquer barulho.

LUCI

(Parando no proscénio e largando a mão da companheira) ; Chegamos, finalmente! E' aqui! Mas que noite tão escura! Nem de propósito!... ; Parece que aqueles mafarricos adivinharam, ou tiveram o demónio por eles!...

CLARA

Afinal, menina, eu ainda não sei para que viemos aqui, nem do que se trata.

LUCI

; Espèra!... Eu já te digo o que é... (espiando todos os cantos e escutando) ; Tu não ouves barulho?

CLARA

(Sem se alterar) Oíço o vento a fazer ramalhar as arvores da mata.

LUCI

; Parece que sinto passos!

CLARA

São os passaros que recolhem aos ninhos. A noite vai estar de tempestade e eles adivinham...

LUCI

(Suspirando, vem para junto de Clara) ; Ai quem me dera ser como tu! ; Não tens medo de coisa nenhuma?

CLARA

; Mêdo para quê? ; E de que é que se ha de ter medo? ; Com isso não se remedeia nada, antes pelo contrario!

LUCI

; Dize a verdade, Francisca, tu nunca sentiste o teu coração fazer-se pequenino, pequenino, ao atravessar o escuro? ; Nunca te pareceu que ele te sahia pelas costas, que a garganta se apertava até te sufocar, emquanto alguém te dava pancadas na cabeça com um martelo?

CLARA

(Rindo francamente) Isso é que se chama ter mêdo. Já ouvi dizer que era assim uma impressão nervosa que nem se pode explicar, mas que aflige muito. (Sentá-se num banco) Mas afinal, eu ainda não sei para que estamos a esta hora, neste logar deserto. ; E sendo a menina tão medrosa, ainda não percebi para que me trouxe até aqui!...

LUCI

(Apertando-lhe um braço e falando assustada em voz baixa) ; Ouves ? ; Parece o tinir de ferros ! ; Será algum duelo ?

CLARA

(Dando uma gargalhada) ; ; Duelo ? ! A menina está a sonhar, isso já não é coisa dos nossos tempos, é dos romances de capa e espada ou dos contos de fadas, que é a mesma coisa.

LUCI

(Sem se tranquilisar) ; Mas eu sinto perfeitamente o bater de ferros, não digas que não !

CLARA

(Escutando um pouco) ; Ora ! ; Qual ferros nem qual carapuça ! Este barulho que sentimos é o dos passaros *ferreiros* que batem com o bico nas arvores, produzindo um som metálico. E' por isso que lhe pozeram tal nome.

LUCI

(Cada vez mais assustada e assentando-se no banco, muito chegada a Clara, apontando com o braço) ; E além ? ; ; Tu não vês uma sombra muito branca que vem caminhando para nós ? ! . . . Serão homens escondidos ? !

(A cena aclara-se com a lua que se descobre por instantes)

CLARA

(Sempre sorridente e tranquila) A menina está a sonhar, com certeza. ; Então não vê que é a lua que arredou as nuvens para nos dar um ar da sua graça ?

LUCÍ

; Mas vejo tantas sombras!...

CLARA

De noite ha sombras por toda a parte, e quando se tem medo, de cada sombra se faz um ladrão.

LUCÍ

; Tambem não tens medo dos ladrões?

CLARA

(Rindo francamente) ; ; Medo de ladrões?! ; Porque é que eu havia de ter medo deles se não tenho nada que me possam roubar?

LUCÍ

(Aflita) ; Cala-te que te podem ouvir!

CLARA

; ; Aqui não ha gente estranha, a quinta é fechada; quem é que me ha de ouvir?! ; ; E que ouvisse, que mal fazia?!

LUCÍ

Mas podia alguém saltar os muros, e se nos encontrassem aqui, matavam-nos sem que ninguém nos acudisse.

CLARA

(Já impacientada) E' claro que podia acontecer qualquer coisa, quem tem medo não corre riscos. (Levantando-se) ; ; Mas o que viemos nós aqui fazer, afinal?!... Com certeza não me trouxe ás escondidas para conversar sobre medos.

LUCÍ

(Aflicta) ; Não te zangues, Clara! ; Eu já te conto!...

CLARA

Então diga depressa, menina, porque são horas de voltarmos. Se em casa dão pela nossa falta não hão de ficar satisfeitos. E hão de queixar-se de mim, que sou mais velha e devo ter mais juízo.

LUCÍ

Isso não, porque eu logo conto o que foi e se tiverem de se zangar, só comigo é que ha de ser. ; Vês tu, Chica? Eu para isso não sou cobarde, não tenho medo. Nem que me matassem, nem que me torturassem, não era capaz de dizer uma mentira para me desculpar. Principalmente para acusar outra pessoa inocente.

CLARA

Sim, eu sei isso. (Torna a sentar-se) A menina é bôa e por isso lhe faço as vontades e sou sua amiga. Mas se tem coragem para defender a verdade e a justiça, porque ha de amedrontar-se, sem razão nenhuma?

LUCÍ

(Triste) ; ; Eu sei?! Não é da minha vontade. Queria ser como tu, ser destemida, envergonhar até os rapazes, que estão sempre a troçar, a dizer que as mulheres são medrosas...

CLARA

(Rindo) Ah, com isso não se desconsola. Pode crêr que eles são tão medrosos como nós.

Uns mais, outros menos, exactamente como as mulheres.

LUCÍ

(Alegre) Parece-te isso?

CLARA

¡Se me parece! Tenho provas. ¿Quer ouvir? Quando estava em casa de minha mãe, ia passar muitas noites a casa da avósinha, principalmente quando ela estava doente. Porque já era velhinha, coitada! Vivia só, e a casa era um pouco afastada do povoado...

LUCÍ

Eu sei onde é. ¡¿Mas tu ias só?!...

CLARA

Então com quem havia de ir? Á noitinha, quando a mãe e o pai vinham do trabalho com os rapazes, deixava-lhes o lume acêso e a ceia em bom andamento e ia para casa da avó...

LUCÍ

(Ingenuamente) ¿Eras como a *Menina do Chapéo Vermelho*, não eras?... ¿E nunca encontraste nenhum lóbo que te quizesse enganar?

CLARA

(Rindo) ¡Não, que eu não era pateta como a tal menina! Metia pés a caminho e seguia déo em déu, sem dar atenção a ninguem.

LUCÍ

¿Ias a correr?

CLARA

Nem depressa, nem devagar, naturalmente. Se a noite estava bonita, gostava de ir mais devagar, para ouvir a musica dos campos...

LUCÍ

¿ É bonita a musica dos campos ?

CLARA

¿ Se é?! Eu gosto muito, pode ser que outros não gostem. Os grilos, os ralos, as rãs... Os cães ladrando de quando em quando... Às vezes a água a correr nalguma reprêsa, os bois mugindo ao longe... Os pássaros nouturnos piando, é tão lindo, tão lindo, que até faz vontade de chorar.

LUCÍ

Mas é muito triste e agoirento; as aves nouturnas... ; Deus me livre!

CLARA

Eu não tenho medo de agoiros. A tristeza também é bonita e faz bem á gente. Eu sentia-me tão bem que até me parecia que, se falasse, os animaes não se calariam, como se fosse uma da sua igualha.

LUCÍ

Mas nesse caminho vias o cemiterio, ao longe.

CLARA

Passava por ele, porque era o caminho mais perto.

LUCÍ

¡ Santo Deus! (apertando-lhe o braço e perguntando a medo) ¡ E nunca viste nada ?

CLARA

(Placidamente) Via todos os dias a mesma coisa. As paredes brancas, algumas campas e cruces. Na minha terra não ha luxo, nem na vida nem na morte.

LUCÍ

(Tremula) ¡ E os mortos ?

CLARA

(Séria) Estavam debaixo da terra a descansar «do que na vida sofreram», como diz o poeta.

LUCÍ

¡ E as almas deles ?

CLARA

As boas devem estar em logar de paz, não voltam a afligir os vivos. As más não se metem com quem não é mau e nunca fez mal a ninguém.

LUCÍ

¡ Mas acreditas que ha almas ?

CLARA

¡ Eu sei lá, menina ! Estou a dizer-lhe — que nunca as vi! . . . A minha avó, que era uma velhinha muito esperta, dizia-me sempre: Olha, Francisca, o inferno e o céu cada um o tem dentro de si. Se fômos bons, estamos no céu,

ninguem nos pode vencer. Se fôrmos maus, fazemos o inferno para nós e para os que nos conhecem... Quando te lembrares dos mortos, deseja-lhes paz e socego e, não tenhas medo...

LUCI

¿ E tu não tinhas ?

CLARA

¡ Não, nenhum !

LUCI

¿ E nunca te aconteceu nada mau ?

CLARA

Na terra todos me conheciam e sabiam para onde eu ia; ninguém me dizia nada.

LUCI

Mas tu disseste que ²te aconteceu uma partida.

CLARA

(Rindo) Mas isso foi um rapaz que teve mêdo!
¡ Quanto me ri ! Era um moço lá da terra, que tinha de ir a um mandado do patrão. Pediu-me para irmos juntos até á encruzilhada...

LUCI

Bem sei. É tão medonha ! Tem aquela grande cruz que até faz horror !...

CLARA

Em tempos antigos mataram ali um homem muito rico, que tratava mal os pobres e os escravos...

LUCÍ

¿ E tu passavas por lá?! (assustada, agarrando-lhe o braço) ¡ Agora é certo, ouvi um grito!...

CLARA

E possível. De noite os animais costumam gritar muito. Mas oiça a história, que se ha de rir: eu fui para acompanhar o tal rapaz, e depois dei a volta para o meu caminho. Ele ia a basofiar valentias, mas a olhar para todos os lados. ¿ Quando chegou á encruzilhada, se visse?!... Nem me disse adeus, desatou a correr por ali abaixo, que parece que levava fôgo... Eu dei uma gargalhada. (Rindo muito) Só de o lembrar ainda me dá vontade de rir. ¿ Sabe o que ele disse depois? Que tinha visto as feiticeiras no largo a descansarem ao luar e depois correrem atraz dele a rir ás gargalhadas...

LUCÍ

¿ Eras tu?

CLARA

(Rindo quasi até chorar.) ¿ Pois era! Eu e o éco, por aqueles descampados e serranias, a repetir o meu riso.

LUCÍ

¿ Também nunca te lembraste de fadas nem de genios, nem de feiticeiras e lobishomens?!

CLARA

¿ Ora, menina! Se houvesse espiritos bemfa-zejos!... Quem me dera a mim! Com certeza seriam nossos amigos e haviam de nos proteger. Mas... não ha nada. Todo o mal está conosco.

LUCI

¿ A tua avósinha não contava historias de encantos ?

CLARA

Contava ; ¡ oh se contava ! A avósinha tinha estudado muito e viveu rica na cidade, quando era nova. ¡ O que ela sabia ! Tinha muitos livros.

LUCI

¿ Então sabia lêr ?

CLARA

¡ E muito bem ! Parece que a estou a ouvir, com uma vozinha muito tremula, que parece que nos chegava ao coração. Ela é que me ensinou tudo quanto sei. Quando morreu entregou-me uma carta e disse-me que a viesse entregar logo a sua mãesinha... Não queria que ficasse na aldeia, porque não me podiam lá educar.

LUCI

¿ A tua mãe tambem sabe lêr ?

CLARA

¡ Não ! A mãe residiu sempre no campo e casou quando era muito nova. Ela nem conhecia a avó, que só foi viver para a casinha do monte quando eu nasci...

LUCI

¡ A minha mamã chorou muito quando tu vieste e disse que tinha imensa pena de se não ter despedido da tua avósinha, estando aqui tão perto !

CLARA

Ela não se deu a conhecer enquanto foi viva...

LUCI

A mamã disse que foi a sua melhor professora.

CLARA

! Com certeza! Ela sabia tudo. Enquanto foi viva ninguém lá na terra consultou medico. Curava todas as doenças com remedios que tinha em casa e com plantas que conhecia.

LUCI

! E tu não aprendeste?

CLARA

! Alguma coisa! Andavamos pelos matos a colher ervas. (Sente-se um trovão ao longe.)

LUCI

(Levanta-se assustada) ! Não ouviste?

CLARA

(Socegada) Ouvi. Foi um trovão. A trovoada vem vindo sobre nós. E' preciso recolhermo-nos porque daqui a pouco está sobre nós e podemos ter chuva...

LUCI

! ! Como sabes tu isso?! ! Pode ser que não!
! Seria horrivel! E eu que ainda te não disse o que viemos fazer a este descampado!...

CLARA

(Rindo.) ; No meio da quinta! . . . Mas diga depressa o que quer, porque é tempo de recolhemos.

LUCI

Senta-te um bocadinho mais. Tenho que te contar. Hontem estivemos a jogar a bola: a Beatriz, a Helena, eu e os rapazes. No fim, já estávamos cansados e sentamo-nos, aqui mesmo neste lugar. Os rapazes estavam furiosos porque nós é que tínhamos ganho a partida. Nisto vem uma grande borboleta preta e bate com força no meu peito.

CLARA

; Teve medo?

LUCI

(Sorrindo.) ; Não! Eu não tenho medo do que vejo.

CLARA

Ahi tem a prova de que o medo não passa de impressão nervosa, que deve vencer.

LUCI

(Convicta.) ; Podes crêr, Clara! Não tenho medo de cavalos, nem de *autos*, nem de coisa alguma que esteja ao meu alcance compreender e vencer. Bem sabes que sou a melhor em todos os jogos de sport. . .

CLARA

Mais uma razão para ser forte contra o seu inimigo interior, como dizia a minha avó.

LUCÍ

Pois bem: eu sacudi a borboleta sem dar importancia nenhuma ao caso. Mas a Beatriz e a Helena, que já se querem fazer senhoras, começaram aos guinchos e ás corridas, para imitar as meninas grandes com nervosismo.

CLARA

¡ Imaginam que são assim mais interessantes!...

LUCÍ

Eu ri-me delas. ¡ Mas o Humberto, que estava furioso por ter perdido, apesar de tambem ter mêdo, quiz vingar-se e começou a fazer-se forte e a dizer que as mulheres eram *todas* assim mesmo!...

CLARA

(Com piedade simulada) ¡ Coitado!...

LUCÍ

Fartou-se de dizer que as mulheres eram umas fracalhonas, que tremiam duma barata, que nada podiam sem os homens...

CLARA

(Rindo.) Homens como ele, á falta de melhor...

LUCÍ

Emfim, disse coisas que me estavam a aborrecer, especialmente porque os rapazes riam a bandeiras despregadas e as duas meninas estavam mesmo ridiculas, a darem-se ao disfructo.

CLARA

São umas bôbas.

LUCÍ

¡ Imagina como eu estava ! Por fim não me contive e comecei a discutir com o Humberto. . .
¡ Mas tu sabes como aquele meu irmão é bruto, quando discute ! Perde logo a cabeça e diz insolencias. . . Mas eu não me importei e disse-lhe o que me pareceu sobre a valentia dos homens.

CLARA

E' tanta como a das mulheres ; uns são mais corajosos, outros são menos, tal qual como nós.

LUCÍ

(Com animação, ¡ E é também da educação, não é ?

CLARA

¡ Decerto ! A eles não se consente que tenham medo. Todos lhe fazem troça.

LUCÍ

E por isso muitas vezes têm de fazer das tripas coração. . .

CLARA

A's meninas, pelo contrario, dizem-lhes que é bonito ser medrosas e quando alguma não tem medo. . .

LUCÍ

(Com vivacidade) ¡ Até dizem mal ! Chamam-nos padeiras de Aljubarrota, dizem-nos que perdemos toda a graça. . . ¡ Emfim envergonham-nos !

CLARA

(Rindo) E' porque tiramos ao homem o valor de nos proteger, como cavaleiros andantes. . .

LUCÍ

D. Quixotes da triste figura. (Riem.)

CLARA

Cada um responde por si.

LUCÍ

Pois foi o que eu lhes disse. E então desafiaram-me para vir aqui de noite e levar aquela flôr (Aponta para uma flôr que está na arvore) que está ali sósinha. ; Vês?

CLARA

(Afirmando-se) ; Não se vê bem!... ; Ah, lá está!

LUCÍ

; Vês? E' vermelha e lindissima. Não ha nenhuma igual nem na mata nem no jardim.

CLARA

; E' a prova que eles querem? (Levanta-se e dirige-se para o sitio indicado, parando, meio vòltada, para ouvir a resposta.)

LUCÍ

; E'! Mas eu disse que não vinha só porque a não podia tirar, que vinha contigo, que eras mais valente do que todos eles!...

CLARA

(Sorrindo) ; Foi quasi uma espanholada!...

LUCÍ

; Pois não és? Eu estou certa que eles não eram capazes de aqui vir de noite, sosinhos. Nem os tres, quanto mais um.

(As duas estão ao meio da cena voltadas para o lado onde está a flôr.)

CLARA

¿ Quem ? ¿ ; O Humberto ? ! . . .

LUCÍ

Sim, o Humberto, o Germano e o Ernesto.

CLARA

(Rindo) ; Com certeza ; Olha que tres !

LUCÍ

¿ Se os visses rir e desdenharem de nós !

CLARA

Deixe-os rir. ; Se fosse o Leopoldo ! . . .

LUCÍ

Mas esse estava comnosco, deu-me toda a razão e foi o motivo porque eles ainda estavam mais furiosos.

CLARA

(Rindo) ! Temos do nosso lado os melhores, deixe lá ! ¿ ; Então apostou ? ! . . .

LUCÍ

Apostei que levaria a flôr.

CLARA

Está bem, então é necessario cumprir. O peor é estar tão alta, que ha de custar a apanhar.

(Vão ambas para a esquerda e falam como quem combina o que hão de fazer. Dialogo em voz natural, entre bastidores.)

CLARA

Eu subo a este ramo.

LUCÍ

¡ Cautela! Não caias!...

CLARA

¡ Cá estou! ¡ ¡ Trouxe a tesoura?!... Bom, dê-a cá! Vigie bem se o ramo quebra...

SCENA II

Ouve-se novo trovão. Da direita, pelo caminho por onde entraram as meninas, vêm HUMBERTO, GERMANO e ERNESTO com grandes páus ás costas.

HUMBERTO

¡ Que demonio de escuro!...

GERMANO

Escuro como um prégo.

ERNESTO

¡ Vocês acham que elas se atreveriam a vir?...

GERMANO

A Lucilia sosinha com certeza que não, mas a serigaita da Clara não tem medo de coisa alguma!

HUMBERTO

¡ Isso sim! ¡ Sempre são mulheres!... Só são fortes de lingua.

ERNESTO

Capazes são elas de nos dar algum tabéfe...

GERMANO

(Olhando em roda, visivelmente assustado) Vocês não sentem barulho de vozes?!...

HUMBERTO

(Fingindo-se forte) ; Eu não sinto nada !

ERNESTO

(Agarrando-lhe um braço) ; Eu sinto ! ; Eu sinto !... ; ; Para que nos trouxeste aqui?!...

GERMANO

(Com ares de basofia) ; Ora!... ; Se viesse algum ladrão dava-lhe com este pau!...

HUMBERTO

E eu com este, que ainda é maior do que o teu, parece mesmo o do *Homem da móca*.

ERNESTO

(Quasi a chorar) E eu não dava nada, pedia-lhe que não me matasse, que lhe dava tudo quanto tenho!

HUMBERTO

(Com desprezo) ; Medricas, não tem vergonha !
; Um homem !

GERMANO

(Suspensão) ; Não ! Olha que o caso não é de brinquedo. Oíço estalar os ramos das arvores... Sinto passos, vozes...

ERNESTO

(Esperançado) Talvez sejam elas!...

HUMBERTO

(Soberbo) ; Qual o quê?! ; Vinham agora com uma noite destas, escura como breu!...

GERMANO

; Então para que viemos nós?!

HUMBERTO

; Para levarmos a flôr e fazermos uma grande troça ás valentonas!...

HUMBERTO

; Deve ser naquela arvore!...

ERNESTO

; Então vamos buscá-la!

HUMBERTO

(Fingindo-se forte) ; Espera! ; Está ainda muito escuro!...

ERNESTO

(Nervoso) ; Mas já não aclara mais, só se viem relampagos!...

GERMANO

; O Ernesto tem razão! Já que viemos até aqui, apanhemos a flôr e vamo-nos embora!...
; A chuva não tarda e depois o que faremos aqui?!

ERNESTO

Somos capazes de nos perder como os *meninos da floresta*...

HUMBERTO

(Dando um passo) ; Mas vocês vêm alguma coisa ? (Irritado) ; Pois eu cá não vejo nada !...

GERMANO

(Irritado também) ; Então trouxesses luz ! ; Eu é que não estou para aqui estar feito parvo, toda a noite de vigia á flôr que não aparece !... Oiço passos !...

ERNESTO

(Quasi a chorar) Não vêm uma sombra a caminhar para nós ? !

GERMANO

; Onde ? não vejo...

ERNESTO

; Além !... ; E' uma alma penada !... Se eu soubesse que acontecia isto tinha dito ao Leopoldo para vir comnosco.

HUMBERTO

(Ameaçador) ; Atrevesseste que eu te diria !... ; Olha o figurão, todo protector das meninas !...

ERNESTO

(A chorar) ; Mas se ele aqui estivesse não tinha medo de coisa alguma !...

HUMBERTO

(Fanfarrão) ; Ora, ora, ora !... Sempre vocês são uns valentes ! ; Vá, andem, vamos lá !... (Brandindo o pau, mas deixando-se ficar para traz)

GERMANO

; Vai tu para a frente !...

HUMBERTO

Vai tu adiante, que não posso deixar o Ernesto para traz... ; Esta pobre criança está quasi a desmaiar de medo! ..

ERNESTO

(Furioso) ; Tu é que estás com medo e queres fingir que não!...

(A voz de Clara dentro dos bastidores)

CLARA

; Cá está ela! ; Custou mas sempre a apanhei!

GERMANO

(Volta-se sufocado de pavor) ; Não ouviram?... ; E' comnosco!... ; Com certeza!

ERNESTO

(Chorando) ; Vão-nos matar!...

HUMBERTO

(Furioso) ; Cala-te! Escondamo-nos aqui!...

GERMANO

; Eu vou mas é para casa!... (Corre para o fundo)

HUMBERTO

(Fugindo para o lado e atirando com o pau que trouxe) ; Vamos depressa!...

(ERNESTO, querendo segui-los, cai nos bastidores da direita de modo que se fica vendo da cêna e começa a chorar.)

SCENA III

CLARA e LUCÍ entram pela esquerda com a flôr na mão.

ERNESTO, quando entram, cala-se assustado.

LUCÍ

(Afflicta) ; Ouvi gritos!...

CLARA

; Tambem eu! ; Vamos a ver o que é!

LUCÍ

; ; Aconteceu alguma desgraça?!

CLARA

; ; Quem sabe?! Procura-se por aqui. ; ; Já não tem mêdo?!

LUCÍ

; Não! ; Agora não tenho! ; Parecia voz de criança! ; ; Quem será?! ; Coitadinho! (Tropeça no pau que o HUMBERTO atirou fóra) ; Olha o que está aqui!

CLARA

(Aproximando-se) ; E' um pau ferrado!

LUCÍ

; Quem sabe se houve alguma bulha!...

ERNESTO

(Chorando, deitado no chão) ; Acudam-me! Acudam-me!

LUCÍ

; Ouves? ; Ha gente que pede socorro! (Procuram por toda a cena)

CLARA

(Alto) ; Quem está ahí ? ; Fale sem receio, que é gente de paz !...

(Ouve-se um trovão mais perto)

ERNESTO

(Chorando) ; Sou eu, sou eu ! ; Senhoras fadas não me façam mal ! ; Estou aqui ferido !

LUCÍ

(Baixo para Clara) Parece a voz do Ernestinho.

CLARA

; E' ele, é ! ; E toma-nos por fadas !... Já sei o que aconteceu, queres ouvir ?! (Alto, voz disfarçada) ; Ernesto !... ; Ernesto ! .. ; ; Onde estás ?!... ; Dize ! Nós somos os bons espiritos da mata que te queremos salvar ! Infeliz criança, quem te trouxe aqui ?!

ERNESTO

(Lamentoso) ; Não ralhem comigo, senhoras fadas ! ; Não tive culpa nenhuma !...

LUCÍ

(Baixo) ; Coitadinho ! ; Não o assustes ! Pode estar ferido !

CLARA

(O mesmo) Deixa só saber quem teve a culpa disto tudo !... (Alto) Dize o nome do culpado para o castigarmos sem demora !. . .

ERNESTO

(Assustado) ; Foi o Humberto, para vencer as meninas na aposta !

LUCI

(Baixo) ; Que maroto!

CLARA

(Mesma voz disfarçada) ; ; Onde está esse mariola?!

ERNESTO

; Fugiu com o Germano! ; Fiquei só, cahi!...

CLARA

; Mas em que logar estás?

ERNESTO

; Aquí na carreira!

LUCI

(Corre para onde ele indica e levanta-o com muito carinho) ; Pobre pequeno! ; ; Vês?! Para que andas tu com os maiores?! ; Abandonaram-te aqui! ; São uns maus!

ERNESTO

(Reconheçendo-a) ; Lucilia! ; ; E's tu?! ; E a outra fada? (Salta-lhe ao pescoço louco de alegria) ; Olha, é a Clara!...

CLARA

; ; Estás muito ferido, Ernestinho!?...

ERNESTO

; Não sei! ; Agora já me não dóe nada!

CLARA

(Mirando-o bem) Ah, é aqui no joelho. Põe-se um lenço até chegarmos a casa. (Ajoelha e tirando o lenço do bolso dobra-o e ata-o no joelho de Ernesto)

LUCÍ

(Segura-o por baixo dos braços. Ernesto beija-a) Se houvesse agua aqui perto molhava-se o lenço.

ERNESTO

; Não faz mal ! Sou valente, não sou nenhuma menina !

LUCÍ

(Rindo) ; Pobre pequeno ! ; Sempre te metem coisas na cabeça ! ; ; Então não vês que a dôr é igual em todos os corpos ? !

CLARA

(Levantando-se) ; Bom ! Agora vamos leva-lo para casa. ; Podes andar ? Se não podes levo-te ao colo.

LUCÍ

Fazemos uma cadeirinha como na «Maria Bandeira» para conduzir este herói . . .

CLARA

; Ou antes, esta victima das valentias do Humberto ! . . .

LUCÍ

; Então vamos ! ; Péga tu no troféo da victoria que é a nossa flôr !

(A lua aparece emquanto elas crusam as mãos e Ernesto senta-se com os braços pelo pescoço das duas. Ouvem-se vozes e passos ao fundo.)

SCENA IV

LEOPOLDO entra com GERMANO agarrado por um braço, quasi arrastado. A meio mostra-lhe o grupo das duas meninas e Ernesto.

LEOPOLDO

¡ Ora aqui tens os selvagens das florestas virgens! ¡ Não tens vergonha! (Empurra-o com despreso.)

(CLARA e LUCÍ assentam Ernesto na mēsa e ficam cada uma de seu lado.)

LUCÍ

¿ O que é, Leopoldo?

LEOPOLDO

¡ Ora! ¿ O que havia de ser? Partidas do Humberto! Com a tolice e vaidade do costume, quiz vir aqui buscar a flôr, na certeza que vocês não eram capazes de cumprir . . . Mas como é mais valente do que todas as mulheres juntas, trouxe estes dois companheiros de prosa e de basofia. Quando vos ouviu falar desatou a fugir e só deve ter parado em casa . . . Os dois fugiram e a pobre criança ficou ahi abandonada.

ERNESTO

¡ Malvados! ¡ Já não quero andar com eles!... (Abraça as cabeças das duas meninas que o seguram cada uma de seu lado) Hei de ser vosso companheiro, sim?!

LUCÍ

¿ Mas como estavas tu ahi?

LEOPOLDO

Não vês que eu assisti á aposta e logo pensei que tu e a Clara não deixavam de vir. Segui-as porque tive medo que lhes fizessem alguma partida que as assustasse, com razão. Quando o Germano fugiu apanhei-o e custou-me a convencê-lo a vir aqui!...

LUCI

; E o Humberto?

GERMANO

Elle foi o primeiro que fugiu para casa!...

(Ouvem-se passos pela esquerda.)

LEOPOLDO

; Olhem! Lá vem gente! Naturalmente foi assustar a familia toda!

(Aparecem criados e criadas com luzes e paus pelo caminho da esquerda.)

SCENA V

LEOPOLDO

; O que vêm aqui fazer!

UM CREADO

O menino Humberto chegou á cozinha morto de medo, branco como a cal da parede e disse que andavam ladrões na quinta!... ; E que talvez o Ernestinho fôsse apanhado por eles!...

OUTRO CREADO

Disse que lutou enquanto pôde mas que fôra vencido, porque eram mais de vinte!...

UMA CRIADA

E a dizer-nos que não chamássemos as meninas, para se não assustarem e elas aqui!...

OUTRA CRIADA

¡Deixa-me cá rir! ¡Foi alguma partida que lhe fizeram para lhe abater a prôa?

GERMANO

¡Agora que venha para cá com as suas valentias, que eu lhe direi!

LEOPOLDO

¡Vamos embora! A lição foi bôa! assim ele a aproveite!

LUCÍ

¡Isso sim! E' capaz de dizer que nós é que fugimos assustadas, que estavamos mortas de pavôr!

CLARA

¡Quem torto nasce!...

ERNESTO

¡Mas eu cá não o deixo mentir!

LEOPOLDO

¡Realmente, as testemunhas são tantas que será necessario descaramento demais! ¡Quem leva agora o Ernestinho?

LUCÍ E CLARA

¡Nós!

UMA CRIADA

¡ Não ! Coitadinho ! Eu levo-o ao cólo.

LEOPOLDO

¡ Então vamos lá, em marcha !

(Põe-se tudo em fôrma ás ordens de LEOPOLDO. A' frente a criada com ERNESTO ao cólo. GERMANO, encostado ao pausinho segue com modos constrictos, após os trez, LEOPOLDO, Lucí com a flôr na mão e CLARA do outro lado. Atraz os criados, tudo em fôrma.)

LEOPOLDO

(Suspendendo a marcha) ¡ Escutem ! ¡ Vamos a cantar todos em côro o hino da *Maria da Fonte* e entremos assim em casa ! E' o hino que glorifica uma mulher e assim ha de ser maior a vergonha do Ferrabraz, que mata sete dum golpe . . .

GERMANO

(Com viveza) Matará mas são moscas . . . Ou, nem isso !

TODOS

¡ Apoiado, senhor Leopoldo, vamos a cantar !

LEOPOLDO

Essa mulher lá do Minho
Que da foice fez espada !

(Seguem em marcha cantando pelo caminho de casa. O pano vai cahindo lentamente, fechando-se de todo quando desaparece a ultima pessoa e continuando a ouvir-se o hino nos bastidores.)

ABILIO MACHADO

O Colibri e as Flôres

Para cantar e bailar

PERSONAGENS:

- O COLIBRI
- A ROSA
- O CRISANTÊMO
- O AMOR-PERFEITO
- A AÇUCENA
- O JASMIM
- A VIOLETA
- A CAMELIA
- A SAUDADE



SCÊNNA UNICA

As Flôres fazem roda e o COLIBRI anda dum lado para o outro ouvindo o que cada uma vai dizendo.

O COLIBRI

Eu sou o colibri errante,
Sempre, sempre a voejar,
Sempre, sempre saltitante,
Lindas flôres a beijar.

Que lindas meninas vejo,
Neste soberbo jardim!
Como é grande o meu desejo
De tê-las ao pé de mim!

Da vossa bôca cheirosa,
Que a terra toda perfuma,
Quero a historia radiosa
Do encanto de cada uma.

A ROSA

Rosa: Em perfume inebria,
Rutila em delicadeza:
Um mimo da fantasia
E graça da Natureza...

O CRISANTÊMO

No jardim vivo a brilhar,
No meu encanto supremo:
Sou a linda flôr sem par;
O bizarro crisantêmo.

O AMOR-PERFEITO

No meu nome amor-perfeito
Canta a fulgida expressão
Do affecto santo de um peito,
Das ancias de um coração.

A AÇUCENA

Por entre a verde folhagem,
Alvejo, tão clara e pura,
Que a todos pareço a imagem
Da inocência e da candura.

O JASMIM

Querem-me todas as rosas,
Gostam as dalias de mim,
E as camelias mais formosas
Amam todas o jasmim.

A VIOLETA

Sob as folhas escondida,
Sem orgulho nem vaidade,
A violeta esquecida
E' toda simplicidade.

A CAMÉLIA

Suave como a inocência,
Sou a camélia nevada,
Tenho a pura transparencia
Da mais clara madrugada.

A SAUDADE

Saudade, palavra santa
Para quem vive de amar,
Palavra que só quebranta
Quem sofre n'alma o pezar

O COLIBRI

Cheias de graça e beleza,
Amam-se as flôres louçãs,
Que, filhas da Natureza,
São todas elas irmãs!

(Dão-se as mãos e dançam em róda repetindo a quadra do COLIBRI.)

LUIZ D'ALMEIDA NOGUEIRA

Sabedoria do Povo

(Desafio de provérbios)

Acto para tres meninas e tres rapazes

«A sabedoria das nações avalia-se pela frequência dos seus anexins; ha paradoxos morais que só uma experiência de séculos e um senso profundo da vida podlam descobrir.» — TEÓFILO BRAGA.

PERSONAGENS:

MARIA — 14 anos.	} Irmãos entre si e primos de: }	JOSÉ — 11 anos.
HELENA — 12 anos.		JORGE — 10 anos.
RUI — 11 anos.		ALICE — 13 anos.

A cena passa-se na actualidade, num salão moderno, estilo português, sobrio. Moveis diversos, poltronas e sofás; cadeiras em abundância. Portas de ambos os lados e ao fundo. Duas janelas grandes, à direita. Perto do fundo, um biombo. A' esquerda, primeiro plano: uma mesa-secretária. Na parede, um relógio, com o novo mostrador oficial português marcando as 24 horas. Um calendário grande, onde se lê, visivelmente: Janeiro — 1.



SCENA I

Ao erguer o pano, Rui está sentado junto da secretária, lendo um livro. Através das vidraças vê-se cair a chuva.

RUI

(Fechando o livro com impaciência e levantando-se, passeia, vai e vem, na sala.) ; Pelos modos, esta viagem de Mendes Pinto já me está enfadando bastante! . . . Isto de lêr muito acaba por cansar e fazer dôres de cabeça. (Vê-se um relampago.) Apre! ; Temos hoje electricidade por grosso! ; Magnifico domingo, não haja dúvida! (Pega no livro (*)) e, passeando na sala, prosegue na leitura. A chuva redobra de intensidade; o ceu continua escurecendo. Novo clarão) ; Isto é tal e qual o tempo que acaba de aturar o pobre Mendes Pinto, a páginas 333! ; E ainda ha quem acredite no ditado: *Primeiro dia de Janeiro, primeiro dia de verão* . . . ; É tudo mentira!

(Senta-se e continúa absôrto na leitura. Nêste momento, MARIA, irmã de RUI, abre cautelosamente a porta e entra nos bicos dos pés. Aproxima-se por detrás do irmão, sem êste dar por tal, e, de surpresa, venda-lhe os olhos com as mãozitas.)

(*) As *Viagens de Fernão Mendes Pinto*.

RUI

Quem é?!

MARIA

(Disfarçando a voz) O José!...

RUI

¡ Bem te conheço, Maria! ¡ Olha que me estás fazendo mal! Então!

MARIA

Então digo eu. ¿; Então que quer isto dizer, tu a lêres ao domingo? ¡ Já esqueceste o que o papá te disse? Ele ainda ontem me pediu que eu não consentisse que estudasses ao domingo.

RUI

Mas pára aí! ¿ Não sabes que *quem muito fala pouco acerta*...? Eu não estou a estudar, muito pelo contrario, estava a distraír-me com a leitura das lindas viagens de Mendes Pinto no Japão...

MARIA

¡ Qual Japão, nem meio Japão! Isso que aí está é tudo mentira...

RUI

O quê! que dizes?... Bem sabes que *a mentira é sempre vencida* e que tudo quanto o corajoso Mendes Pinto descreveu se foi confirmando...

MARIA

Até lhe chamavam o *Mendes Minto!*

RUI

; E tu a dar-lhe! ; Não vês que eram calúnias de invejosos?

MARIA

Bem sei, manozinho... ; Isto era para te arreliar um bocado!

RUI

Sempre traquina, sua marota!

MARIA

Mas ouve lá: é preciso que, pelo menos aos domingos, nós dois e a mana Helena nos distraiâmos...

RUI

... nos distraiâmos! Mas eu estava-me distraíndo, ; pois estas viagens ao Japão são uma grande distração! ; Rima e é verdade!

MARIA

(Enfadada) Eu a falar a sério e tu a brincas... ; Assim não nos entendemos! *Tudo se quer a seu tempo.*

RUI

Lá estás já de volta com os teus queridos proverbios! Bêem! ; Então que dizias tu? Dizias que... *que amigos, amigos, negocios áparte* — não? (A meia voz) Esta Maria! ; O que ela quer é arreliar-me, mais nada!

MARIA

(Conciliadora) Bom! Bom! Não te zangues, que não vale a pena, por tão pouco. ; Cuidado,

Rui: *ira de irmãos, ira de diabos!* Se tivesses esperado que eu acabasse de exprimir o meu pensamento, já...

RUI

(Ironico) ; Isso é que é falar como um livro!

MARIA

Hum! hum!... Dizia eu que se estivesse com um bocado de atenção, já não tinhas tido o trabalho de te zangar. Para a outra vez, lembra-te de que *bom saber é calar até ser tempo de falar*. Ouve, pois, primeiro...

RUI

Agora, para te dares mais importância, vens com uma chuva de provérbios... ; e eu fujo, porque antes prefiro a outra chuva! (Vai para saír)

MARIA

(Correndo para êle) Ouve cá, Rui! És muito amavel! Quem começou foste tu, há bocadinho. Vê lá se me deixas acabar ; e procura... *intender primeiro e falar derradeiro!*

RUI

(Encolhendo os hombros) Outra! outra sentença! ; Oh que mania tão maçadora! Uf! (Senta-se amuado e abre as «Viagens». Após uma pausa e à parte) ; Detesto os tais proverbios ou anexins, ou adágios, ou ditádos, ou sei lá como lhes chamam mais!

MARIA

(Cruza os braços e fixa o irmão, demoradamente, em pé.) Rui!

RUI

(Com mau humor) ; Maria !

MARIA

; Larga êsse maldito livro !

RUI

(Indignado) ; Olha que se não fala assim do livro dum dos nossos maiores e mais antigos viajantes !

MARIA

O domingo foi feito de propósito para descansar dos livros. ; Porque não te entretens a fazer comigo uma das lindas experiências de física do teu *Tom-Tit*? Ha que tempos que não te vejo trabalhar nelas.

RUI

(Com enfado) ; Estou já mais aborrecido com a física ! ; Todos os dias o meu professor me prega um sermão sôbre física e química !

MARIA

Vamos então a combinár um jôgo qualquer... ; Ou queres ficar todo o dia com o nariz metido nesse livro, sem fazer caso nenhum de mim ?

RUI

; Um jôgo só a dois não tem graça nenhuma ! Ainda se viesse a Helena... ; Que é feito dela, sabes ?

MARIA

Foi esperar os primos á estação, Devem chegar aí pelas 14 horas...

RUI

(Atrapalhado) 14 horas... 14 horas... ; Já não sei às quantas ando! ; Ah! duas horas da tarde! ; E vem com os primos? ; Bôa ideia! ; Assim já dá vontade de combinar uma brincadeira qualquer, para passarmos, nós seis, sem enfado, êste detestavel domingo de ano novo!

MARIA

; E se êles faltarem?...

RUI

; Quem?

MARIA

; Os primos, é claro!

RUI

Temos a Helena. Mas não faltam...

MARIA

...porque: *quem promete, deve.*

RUI

(Com ar de surpresa) ; Mas que mania é essa de provérbios, que hoje tens? ; Não percebo!

MARIA

Tu bem sabes que sempre gostei muito de provérbios...

RUI

Mas quando tu me ralas e eu te respondo, todo zangado: *onde está o galo não canta a*

galinha, ficas logo tão furiosa, que até metes medo. ; Porquê? E' que não gostas dos provérbios... (Rindo.) ; De mais a mais êste, que é tão lindo!

MARIA

; Tu és mesmo mau! Vais sempre buscar os adágios mais feios e estúpidos da nossa língua, de propósito para me fazer arreliar... ; Bem sabes que nunca gostei dêsse e doutros semelhantes, que são idiotas, ou de má fé ou anti-feministas! Mas a maior parte dêles, são justos, bem imaginados pelo povo e teem muita graça. Dêstes é que eu gosto. ; Percebeste, meu traquinas? Olha que *a bom intendedor meia palavra basta*; e eu já te disse demais.

RUI

(A rir) Mas isso, mana, não é razão para andares constantemente a encher-me os ouvidos com as tuas sentenças... proverbais. ; Nunca te vi assim tão *sentenciosa* como hoje, Maria!

MARIA

; Bem sabes que *uma vez não são vezes!*

RUI

(Surpreendido) ; Outro provérbio! ; Mas que cabeça, que memória a tua para saberes tantos de cór e sempre a propósito!

MARIA

E' que os coleciono, e hoje, de manhãzinha, estive copiando muitos por ordem alfabética, para mais fácil consulta. E' por isso que veem à bôca, quási sem eu querer.

RUI

(Subitamente) ; Uma ideia ! ; Descobri o jôgo para brincarmos com os primos !

MARIA

Então grita : ; Euréca !

RUI

; Não adivinhas ? ; ; Aposto que não adivinhas o que achei ! ?

MARIA

; A brincadeira ?

RUI

; Sim ! ; ; Pois que há-de ser ? !

MARIA

; Se não hei-de adivinhar ! ; pois se eu é que te estive, êste tempo todo, obrigando a fazeres comigo um desafio de anexins !

RUI

E' o jôgo dos Provérbios ao desafio, ; ou que nome dás à tua invenção ?

MARIA

Isso não importa. Então está combinado : quando chegarem os primos com a mana Helena, fazemos todos os seis um desafio de provérbios...

RUI

E então veremos quem sabe mais dessas sentenças populares.

MARIA

¡ Há de ser *quem menos falar!*

RUI

Isso é que não pode ser: ¡é preciso falar para dizê-las!

MARIA

Mas falar *por conta, péso e medida*, ¡ porque *quem muito fala, pouco acerta!*

RUI

¿ Mas como é que se brinca? E' preciso escolher um têma.

MARIA

Lavra lá dois tentos: falaste como um livro. Já agora, vê lá se achas algum «têma», como dizes.

RUI

¡ Sei lá!

MARIA

Não é facil, não.

RUI

¿ E tu, sabes de algum?

MARIA

Talvez.

RUI

¡ Pelos modos, sabes tudo! ¡ Es mesmo uma sabichona!

MARIA

Também tu, se quisesse, e com um bocadinho de paciência havias de achar alguma coisa que servisse para o que desejamos.

RUI

Não sei; não me lembro, nem nunca pensei em tal.

MARIA

¡Pois pensei eu!

RUI

¿Então dize lá qual é que escolheste?

MARIA

Espera um pouco, até chegarem os primos. Sei de cór uma fábula em verso, muito engraçada, que se presta lindamente para um desafio de adágios portugueses.

RUI

¿Qual é?

MARIA

¡Espera! que *de vagar se vai ao longe...*

RUI

Olha que estou impaciente: vão dar catorze horas (como tu dizes), e os priminhos não chegam...

MARIA

Já veem.

RUI

¿Ouves? (olhando para o relógio, que nêsse momento dá as horas) Uma... duas... três... (Cruzando os braços e fixando a irmã) ; ; Então tu dizes que são 14?! Eu cá só ouvi duas pancadas...

MARIA

¿Mas as horas são 14! Duas da tarde ou catorze do dia é tudo o mesmo: ; pois ainda não sabes que o dia tem 24 horas! ; Este Rui! ; Tu bem sabes: o que estás é a fazer-te tolo!

RUI

(Mudando de assunto e, suplicante, passando meigamente a mão nos cabelos da irmã.) ; Deixa lá essa trapalhada das horas e dize-me já, minha Maria-zita, como se chama a tua fabulazinha, dize já ao teu Ruizinho?...

MARIA

(Trocista) ; Ih! tanto *inho*, manozinho! (Ouve-se o som duma campainha electrica, e em seguida o ruído de passos) ; Ouves? ; Lá veem *êles*!

(Escondem-se ambos atrás do biombo ou doutro qualquer movel.)

SCENA II

Entram pela esquerda: HELENA, ALICE, JORGE e JOSÉ. Abrem a porta e, antes de entrar, deixam no cabide as capas de borracha e tiram as galochas.

HELENA

(Surpreendida de não vêr ninguém) ; Onde estão êles?!...

JORGE

; Temos alguma partida!

ALICE

; Estão escondidos!

(Remexem alguns moveis, mas sem muito procurar.)

ALICE

; Ora esta! ; Maria! ; Rui! Os teus irmãos não estão aqui, Helena. (Vão a sair pela direita. Neste momento, MARIA e RUI saem pelo fundo, sem os outros darem por isso. Ao desaparecer, MARIA pronuncia distintamente:)

MARIA

(Espreitando por detrás do biombo.) ; *Quem não causa não alcança!*

(MARIA e RUI saem da sala sem ser vistos. HELENA e os primos voltam-se todos e exclamam em côro:)
; Quem falou? (Voltam atrás e remexem os moveis todos, desta vez a valer, mas em vão.)

JORGE

(Sentando-se) Vamos a descansar um bocado; êles cá virão ter.

(Sentam-se todos, espalhados pela sala.)

SCENA III

JORGE e JOSÉ levantam-se, aproximam-se dum janelá e aí conversam animadamente. Alice pega num livro e, encostada à mēsa, põe-se a folheá-lo e a lêr, voltando as costas à porta do fundo. O mau tempo continua.)

HELENA

(Sentando-se ao pé de Alice) Eu não os procuro. ; E se lhe pregássemos também uma partida para lhes ensinar a receber-nos como devem ?!

JORGE

(Para o irmão José) ; Que peste de tempo !

JOSÉ

Não te arrelies... Olha: se estivesse aqui a minha prima Maria, que sabe provérbios na ponta da língua, diria logo, para te consolar: *atrás de tempo, tempo vem*, ou melhor: *tempo traz tempo e chuva traz vento*.

SCENA IV

(As nuvens escurecem profundamente o ceu; não se vê quasi nada. RUI e HELENA conseguem esconder-se atrás do biombo.)

MARIA

(Escondida por detrás do sofá, a meia voz para o irmão) ; Não vês a prima Alice a estragar a vista? Não consinto nisso.

RUI

(A meia voz e misteriosamente) ; Trouxeste o projector ?

(MARIA, como resposta, caminha para o fundo, fecha meia porta obliquamente, esconde-se atrás da porta, coloca uma lentezinha projectora defronte da fechadura e faz assim incidir mesmo sôbre a prima Alice uma linda projecção luminosa vermelha, depois incolor.)

(Por seu turno, JORGE, JOSÉ e HELENA dirigem-se para a porta. Num instante, cessa a projecção e aparecem enfim, RUI e MARIA.)

SCENA V

Os mesmos e mais RUI e MARIA.

MARIA

(Alegremente) ; Cá estão êles ! ; Há que tempos que os esperamos ! (Os primos abraçam-se e beijam-se, dando-se as felicitações do Ano Novo.)

JORGE

; Tenham um feliz ano novo, primos ! ; Onde veem ?

RUI

(Muito sério) Como os primos não chegavam, fomos vêr se tinham ficado na estação.

ALICE

; Sim, e foi de lá que mandaram uma projecção para cima do meu livro !

MARIA

¡ Isso foi algum relâmpago!... Mas acabou-se a partida, e vamos agora a combinar uma brincadeira para nós seis, já que o mau tempo não nos deixa sair.

JORGE

¡ Mas que brincadeira poderá ser?

MARIA

Como *tudo se quiere a seu tempo*...

RUI

E *bôa é a neve que a seu tempo vem*...

ALICE

Não, primo: hoje o que está é chuva, e não veio a tempo, a acreditar no ditado que lá diz: *Sol de Janeiro sempre anda detrás do outeiro*.

JORGE

(Surpreendido) ¡ ¡ Mas que história é essa de provérbios, hoje?!

JOSÉ

(Para a Maria) Combina lá o que quiseres, prima, que eu vou ao telefone, se dás licença. Venho já.

MARIA

¡ Avia-te! ¡ Olha que *quem vai ao mar perde o lugar!*

(O José sai.)

SCENA VI

HELENA

(Para a Maria) ; Pregamos-lhe uma partida ?

MARIA

Não. Vamos mas é a aproveitar o tempo : *com água passada não moi o moinho*. Vou contar uma história e à medida que eu a fôr contando, irá cada um dizendo os provérbios que melhor se applicarem às diferentes passagens.

ALICE

E quem mais provérbios disser é quem ganha, ; não é assim ?

JÓRGE

; Não percebo nada ! O que quero é ouvir a tal história. ; Olha, Maria, se fôr maçadora, desato a dormir !

MARIA

E's muito amavel para a tua prima, sim senhor... ; Deixa estar, que não ganhas o jôgo, para castigo !

JÓRGE

Eu não o sei jogar, nem percebo que jôgo é.

MARIA

; *Quem não sabe, aprende !*

HELENA

Então, Maria, começa lá a tua história, que se faz tarde.

MARIA

¡ Bem ! ¡ Vou começar ! Tenham a bondade de se sentar, minhas senhoras e meus senhores. (As crianças sentam-se todas) Certo chagal um dia... (Dando uma palmada na testa) ¡ Ah ! ¡ Lá me ia esquecendo ! (Após uma pausa e levantando-se) ¡ Helena ! vem cá ! (Desaparecem ambas por detrás do biombo, no fundo) Traze-me cá êsse rolo, ¿ sim ? (Reaparecem ambas : HELENA com um comprido rolo de pano branco ; e Maria com um pequeno projector electrico e um banquinho.)

(Os outros todos, em côro, com entusiasmo) ¡ Temos cinêma !

JORGE

¡ Temos um lindo *Pathé-salon* !

MARIA

(Pendurando no teto, último plano, com o auxilio de HELENA, o pano-écran ou o alvo.) ¡ Pchiu ! meninos ! ¿ ¡ Não sabem que *quem muito fala pouco acerta* ? ! ... (Desce do banco ; HELENA sobe para êste e ajusta bem o pano.)

(Entra José que ouve as ultimas palavras da prima.)

SCENA VII

JOSÉ

(Entra, recua, e hesitante) ¿ ¡ O quê ? ! que oiço eu ? ! ¿ ¡ Ainda andam de volta com os malditos anexins ? ! ¡ O melhor é eu ir já tratar de revelar as minhas chapas ! (Vai para saír, quando dá pela prima a ajustar o *écran*, e exclama então) ¡ Olá ! então já não saio ! parece que temos obra de enge-

nharia... (O pano-alvo é colocado no canto da sala formado pelo fundo e lado direito.)

ALICE

(Para a Maria) ; O' prima, onde fôste desencantar tudo isso? (Olha para a lanterna, que MARIA vai colocar no primeiro plano da scena, à esquerda, sôbre um alto tripé donde tirou uma jarra.)

MARIA

(Alegremente) E' o presente do Ano Bom que o papá nos deu, «por sermos bons estudantes e lindas crianças», como êle disse, acrescentando que era o meu prémio de Física, o estudo que prefiro.

JORGE

(Amavel) Temos aqui uma futura Maria... Curie.

MARIA

(Rindo) ; Atenção! ; Vai começar a sessão! Helena, toma lá êste *film*. ; Vê lá não o estragues!

HELENA

Eu é que quero dar á manivela.

MARIA

; Bem! ; mas devagarinho!

ALICE

(Interrompendo) ; *Devagar que tenho pressa!*

RUI

; Continua, Alice!

ALICE

(Surpreendida) ; Continuo o quê ?

RUI

; Então não sabes a quadrazinha ?

MARIA

(Levanta os ombros) ?... ; Que quadrazinha é essa ? ; Qual é ela ?

RUI

E' assim :

*Devagar, que tenho pressa,
Espalha o bem no caminho.
Tanto mais a agua rega
Quanto mais devagarinho. (*)*

(Todos os outros cinco dando palmas) ; Bravo, seu Rui ! ; Isso é que é saber coisas bonitas !

MARIA

(Proseguindo as explicações à irmã Helena) Assim, devagarinho... ; Pronto ! (Surge a primeira projecção, feita pela Helena, que dirige a lanterna, no último plano, fundo).

(Exclamação geral) ; Oh ! que lindo ! (Todos, lendo o titulo do film) «O Chacal azul», fábula de Paulino de Oliveira, com adaptação de provérbios pelos espectadores. Trabalho scénico do natural, por Xiz.

(*) ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA.

MARIA

(Indicando a projecção, enquanto a HELENA em pé sobre um banquinho, dá à manivela com cuidado, de modo que a projecção acompanhe fielmente a narrativa de MARIA.) (*) ; Atenção!

SCENA VIII

(O Desafio dos Provérbios)

MARIA

(Vai buscar um livrinho. Recitando ou lendo)

Certo chagal um dia,
 Parece que esfaimado,
 Desceu da sua alta serrania
 E pôs-se a errar pertinho dum povoado. (**)

RUI

(Abruptamente) ; Pronto ! lá vai um provérbio :
lobo faminto não tem assento.

(*) N. B. — Para completa execução desta comediazita e seu pleno êxito educativo, seria util que as projecções cinematográficas de que se trata fôsem feitas a valer, e visíveis para os espectadores, já porque o assunto a isso se preste admiravelmente, já para maior interesse, graça e realce. Não sendo, porém, possível executá-las, substituir-se hão por projecções fixas ou suprimir-se hão de todo, cortando no texto da comédia o que lhes disser respeito, pondo assim de parte esta excessiva, mas justa, exigência do autor. — (NOTA DO AUTOR.)

(**) *O Chagal Azul*, por Paulino de Oliveira : *Contos e Fábulas em Verso*. Série 16 da publicação *Para as Crianças*.

JOSÉ

(Emendando) ; Não é lobo, é chacal !

ALICE

; E azul ! Mas o Ruí pode dizer *chacal faminto* . . .

MARIA

(Prosseguindo a sua recitação)

Não tardou que êste mísero chacal,
Facil choruda prêsa farejando,
Enxergasse a cancela dum casal,
E sem mais ceremónias fôsse entrando.

HELENA

; *Não se desviou para a direita, nem para a esquerda !* . . .

MARIA

(Examinando o *écran*) ; Não te apoquentes, Helena, que a projecção está direita, está bem assim !

HELENA

(Rindo ás gargalhadas) ; Não falo nisso, Maria ! O que eu disse foi um provérbio a proposito do chacal. (Gargalhada geral.)

MARIA

(Prosseguindo e a rir)

Uma talha de barro, em fórma estranha,
Junto da casa eis que o marau lobriga.
— Como se fôsse algum boião de banha,
Já se lambe e bendiz a sorte amiga.

RUI

E' que o pobre animal estava cheio de fome e já tinha ouvido dizer que : *se queres cedo engordar, come com fome e bebe devagar.*

JOSÉ

; «Já se lambe e bendiz a sorte amiga», hein !
é que *a ocasião faz o ladrão.*

MARIA

Sôfrego, vai-se a ela, esfomeado,
E tanto se debruça, o lambareiro,
Que se desequilibra, o desastrado,
E cai na funda talha todo inteiro.

ALICE

E' que o pobre do chacal esfaimado não se lembrava que *cautela e caldo de galinha não fazem mal ao doente.*

RUI

E quem ao longe não olha, ao perto fica.

MARIA

Ora a talha continha apenas tinta,
Nada menos que anil, do anil mais puro...
Debate-se o chacal e se repinta,
Dentro daquêle enorme bôjo escuro.

HELENA

(Projectando o chacal, que se debate furioso dentro da talha, fazendo salpicar a tinta) ; *Quem bôa cama fizer, nela se deitará!*

ALICE

(Rindo com alegria, por causa da projecção) *Ninguem se méta onde não é chamado, j aprenda-o, senhor Chacal!*

MARIA

Escabuja, dispondo-se a pular,
Quando chega, trauteando, a casa o dono,
(Tintureiro com fama no lugar),
Que recolhia, ébrio de vinho e sôno.

JORGE

j Quem é amigo do vinho, de si mesmo é inimigo! (A'parte) *j Agora é que começo a perceber êste desafio «proverbial»!*

RUI

(Apontando para a projecção) *Olhe lá, senhor tintureiro, se bebe vinho, não beba o siço.*

MARIA

... Como certa rapôsa, p'ra salvar-se,
Finge-se morto, estende-se ao comprido...
E não lhe era difícil o disfarce:
Pois tinha o corpo exausto, mais que moído.

JOSÉ

O seguro morreu de velho.

ALICE

Quem com mau vizinho há-de vizinhar, com um ôlho há-de dormir e com o outro vigiar.

MARIA

Para um valado assim o tintureiro
O fingido cadaver atirou,

Mal resmungando contra o vil matreiro
Que a rica tinta à farta lhe chupou.

HELENA

; Depois da casa roubada, trancas à porta!

MARIA

... Ergue-se êste dum salto, e velozmente
Desata numa doida correria,
Crendo-se apenas salvo, finalmente,
Quando alcançou a espessa serrania.

ALICE

Mais vale suar que enfermar.

MARIA

Esqueceram-se de dizer que mestre Chacal
foi buscar lá...

ALICE

... e veio tosquiado!

JORGE

; Acabou já a fabulazinha, Maria?

MARIA

(Ao Jorge) *; Espera! quem espera, sempre alcança. ; Bem!*

... Ao outro dia, sêco já da tinta
Que lhe pintára o tal
Banho lustral
De anil,
O feio do chacal
Tinha uma outra graça, uma outra pinta...
; Estava até gentil!

JORGE

Há males que veem por bem. (A'parte) ; E' como êste dia de hoje, tão feio ainda há pouco e que já está de lindo sol!

MARIA

A antiga pele, que parecia rôta
Farpela velha, muito ruça e usada,
Fôra-lhe assim trocada
Por outra *fatiota*
De vistosa flanela toda azul.

JOSÉ

Nem tudo o que luz é oiro.

MARIA

; O *bicharoco* estava até janota,
Com o seu ar taful!

HELENA

Presunção e água benta...

CORO

... ; cada um toma a que quiere!

MARIA

Dotado assim de tão valiosa prenda,
; ; Que havia de pensar
E ambicionar
A fera suja e horrenda! ?
Inculcar-se *senhor*,
Fazer de rei ou coisa assim que o valha...
— ; Só porque tinha essa irrisória côr,
O girigote do chacal da talha!

JORGE

A ambição nunca descansa . . .

(Côro das outras cinco crianças, cantando)

. . . Vôa, sobe, noite e dia ;
Cansam, correndo atrás dela,
O Bem, a Paz, a Alegria. (*)

RUI

Muita cobiça e muita diligência: pouca vergonha e pouca consciência.

MARIA

Certo é que o monstro azul não se enganava
Nas contas que fazia,
No que afinal mostrava
Saber com quem lidava . . .
Alem de ser filósofo profundo.

JOSÉ

Mãos de mestre, unguento são.

MARIA

Assim, nas ambições que acalentava
Não se póde dizer que se excedia,
Pois neste mundo,
Mesmo entre os brutos, muito se conquista
Só com a *vista*,
Com um pequeno nada de aparência.

JORGE

Na terra dos cegos, quem tem um olho é rei.

(*) ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA.

MARIA

Sua excelencia,
Tal como convêm a monarca poderoso,
(Sendo tão feio bicho, gêbo e imundo!)
Não cabia na pele, de orgulhoso.

ALICE

Presunção e água benta...

MARIA

Foi-se junto dos seus, e assim falou:
«Conheceis-me... mas vêde como estou!...
«A Deusa das florestas rumorosas
«Por suas próprias mãos Rei me sagrou,
«Ungindo me de essências milagrosas.
«Fez-me senhor de todas estas serras;
«Assim, tomarei conta destas terras,
«E mandarei em vós e nos demais
«Ferozes animais.
«A glória é menos minha do que vossa!...

HELENA

Com papas e bolos se enganam os tolos.

MARIA

(Cedo aprendeu as falas de imperante)
«Pois só p'ra honrar a especie eu aceitei
«O difícil papel de governante,
«A tremenda maçada de ser Rei.
«Por isso, e para honra e fama nossa,
«E' mestér, bons chacais, mais que ninguem,
«Que sejais o modêlo de vassalo!
«E, notai bem:
«Nada de dardes ao badalo
«Quanto à minha ascendencia e condição!...

RUI

Quem cala consente...

MARIA

(Continuando)

« Em paga dêste pacto e discrição
 « E dos vossos auxílios e valias,
 « Para a melhor execução das leis,
 « Vos encherá de graças e honrarias
 « O mais feliz dos reis!

HELENA

Prometer não é dar, mas a néscios enganar.

MARIA

E: muito prometer é especie de negar.

JOSÉ

*Bôas palavras e maus feitos enganam sizu-
 dos e néscios. ; Vamos lá! ; ; quem sabe mais
 provérbios?!*

ALICE

O povo dos chacais devia ter respondido a
 êsse orador ambicioso: *A palavras loucas, ore-
 lhas moucas.*

RUI

; Mas prima, é que os pobres chacais toma-
 vam-no a sério, coitados!

ALICE

; Ora! ; quem é parvo pede a Deus que o mate
 e ao diabo que o leve!...

JORGE

; Que cruel que estás hoje, Alice!

MARIA

Ora a parvoinha raça do chacal,
 Que não sabia a origem de tal tinta,
 Achou-a tão estranha e tão distinta,
 Que acreditou, babada, no sermão
 Que lhe *impingiu* o irmão,
 Como se fôsse coisa oficial,
 Ou já *ordem rial!*
 E bradou toda, em curva, e em tom solene:
 « Que Vossa Majestade ordene! »

JOSÉ

Lá diz o ditado: *Quem se humilha, mais se exalta.*

(Côro das crianças, que se voltam, furiosas contra o JOSÉ) ¡ Fôra o José! Fôra o tirano! Fôra o antigo!

HELENA

¿ Então não conhecem a cantiga? (Cantarolando)

Quem se humilha mais se exalta:
 Bendita a água rasteira
 Que sobe ao ceu, feita em nuvem,
 Abre em rosas, na roseira. (*)

ALICE

Não gosto da humilhação, prefiro a dignidade. . .

MARIA

(Continuando)

Nêste convívio, o azul chacal reinante,
 (Um convívio mais nobre),

(*) A. CORREIA D'OLIVEIRA.

Bem servido por nova grei pimpante,
 Começou de somenos a tratar
 E mesmo a rebaixar
 (¡E' dos livros, e adágio secular !)
 Sua familia e raça rude e pobre.

(Interrompendo a recitação ou a leitura) Vejam lá se se lembram que adágio é esse.

(Há um momento de hesitação: ninguém acha o tal provérbio; uns coçam a cabeça, outras tomam a atitude *pensierosa* imortalizada pelo genial Miguel-Angelo; outros levantam-se... em busca do misterioso anexim. De súbito, HELENA exclama, abandonando a manivela do cinema)

HELENA

¡ Ah! já sei! E' êste assim: *Quando o vilão está rico, não tem parente nem amigo.*

RUI

Ou melhor: *Preto não serve preto...*

MARIA

E há também: *Não peças a quem pediu nem sirvas a quem serviu.* ¡ Bem! continuando a nossa história do Chacal Azul: dizia eu que:

Contra esta ingratidão mesquinha, é claro,
 Os chacais barafustam com justiça,
 E já não raro
 (Como quem guerra santa acende e atiza)
 Sobem ao sólio energicos clamores.

ALICE

Amor com amor se paga.

MARIA

E' da História tambem (e história eterna):
 Que dos mais familiares servidores
 De quem governa
 E' que mais saem os conspiradores...

Nisto, um chagal já velho,
 (Quasi pelado)
 E, como tal, de argúcia e bom conselho,
 A convite do povo amargurado,
 E quasi sublevado,
 Dest'arte discursou á sua gente:

JORGE

(Interrompendo) E' que... ; Maria, espera aí,
 antes do discurso do velho chagal: é que, se
queres bom conselho, pede-o ao velho.

RUI

Quem mais vive, mais sabe.

MARIA

«Tão prolongada e férrea sujeição
 «Eu creio que embotou-nos a razão...
 «; Mas a memória vive felizmente!

HELENA

*A razão dá liberdade; — ; provérbio femi-
 nista!*

MARIA

«Para castigo dêsse tal mandão
 «Que saiu dentre nós
 «E é o nosso próprio algoz,
 «Uma coisa simplissima nos basta:
 «Forçá-lo a confessar publicamente

«A sua origem — que é a nossa — e a casta.
«; Isso confessa êle, o soberbão!»

JOSÉ

Mau é o rico avarento, mas pior é o pobre soberbo.

MARIA

(Os vexados chacais de ânimo escuro
Gritam todos à uma, em confusão)
«A não ser que tenhais meio seguro
«De obrigar à precisa confissão...»

E, gravemente,
O bom chacal velhote e esperto
Ditou êste conceito assás profundo
E transcendente,
Como um missal aberto:

«E' bem difficil, sempre, nêste mundo,
«Encobrir a tendência natural...
«Pois cada qual
«E' bôa ou má rês
«Tal qual Deus o fez...

HELENA

Cão de caça puxa á raça...

RUI

*Quem tôrto nasce, tarde ou nunca se endi-
reita.*

MARIA

«Tudo mais é postiço ou passageiro
«Na criatura...
«Leve tintura!»
E conclamou a todos, sobranceiro:

«A'manhã na floresta, á tarde... Aposto
«Que em dois segundos êle falará
«E se descobrirá...
«Com nosso aprazimento, e seu desgôsto.»

JORGÉ

¡ Isso é que foi falar a valer: *Fala pouco e bem, ter-te-hão por alguém!*

HELENA

¡ Atenção: lá vem a projecção! Vão todos os animais pregar uma partida ao Chacal Azul, para — *malhar no ferro enquanto está quente.*

MARIA

...Era á hora sagrada do sol posto.

Numa clareira, aos bandos, os chacais
Vão-se reunindo...

RUI

A união faz a fôrça.

MARIA

...Esperam ansiantes
Que se aproxime El-Rei, mais os birbantes
Dos cortesãos e doutros serviçais.

JOSÉ

Ao perigo com tento e ao remédio com tempo!

MARIA

Ei-lo que assoma, mais a sua côrte,
Ei-lo que chega, enfim,
Seguido duma escolta grave e forte,
Aos sons descompassados dum clarim.

Traz uns modos de César triunfal,
E a pompa que o reveste lhe disfarça
Por tal maneira, o gebo original...
; Que ninguem o dirá um rei de farça!

Formam-lhe grossa cauda respeitosa,
Na mais soléne e atenta comitiva:
Os animais de história sanguinosa
E submissão a mais rebelde e esquiva:

ALICE

*Quem te honra mais do que sói, — ou te quer
enganar, ou vêr se pode.*

MARIA

...Pantéras mosqueadas, jaguares,
Listrados tigres índios afamados,
É até fulvos leões, com seus ares
De antigos soberanos destronados...

Todos vinham, fieis, sôb o comando
Do chacal (; porque tinha a côr dos ceus!)
Vêr cair sôbre o mar, agonizando,
Com o Sol que tombava, mais um Deus.

HELENA

; De grande subida, grande caída! (Ao pro-
nunciar estas palavras, cai do banco abaixo, inadver-
tidamente. — Gargalhada geral.)

JORGE

*¿ Que é isso, Helena? ;¿ Imaginas que és o
chacal!?*

ALICE

*De alto cai quem alto sobe:
Vai subindo... Se caíres,*

Aprende por onde caís.
Para de novo subires. (*)

MARIA

(Lendo)

Dali é que partiam montes fóra,
P'los silêncios da noite negra e mésta,
Oficiar á Deusa acolhedôra,
A' fada misteriosa da floresta.

Juntos alí para êsse adeus ao dia,
Como em terraço os moiros a rezar...
Súbito, numa triste litanía,
A turba dos chacais desata a uivar.

Chacal Azul não foge á natureza:
Aos uivos dos irmãos atordoado,
Põe-se a uivar também, entre a surpresa
De todo êsse auditório embasbacado.

JOSÉ

Pela bôca morre o peixe.

MARIA

*Mais depressa se apanha um mentiroso que
um côxo.*

ALICE

*Muito sabe a raposa, mas mais sabe quem
a toma.*

MARIA

Passada essa primeira confusão,
Dando pelo ludíbrio finalmente,
Todos querem lançar-se ao espertalhão
Que os iludira tão infamemente.

(*) A. CORREIA D'OLIVEIRA.

RUI

Grilhões, nem de oiro.

HELENA

Mais faz quem quer do que quem pode.

JORGE

; Muito bem!

MARIA

Por instantes venceu o são conselho
 Dum bom leão já velho:

JOSÉ

; Macaco velho não mete a mão em cambucá!

MARIA

«Que se formasse um douto tribunal
 «Para julgar, para apurar de vez,
 «Em toda a hediondez
 «O abominável crime do chacal.»

ALICE

E seria um bom julgamento, porque: *se que-
 res conhecer o vilão, põe-lhe a vara na mão.*

MARIA

Mas um tigre (que era um feroz sicário,
 Mas que fôra o mais baixo serventuario)...
 Berrou como um possesso
 Contra leis e delongas de processo...
 Optou p'lo julgamento mais sumário.

RUI

Quem tem bôca não manda assoprar.

MARIA

«A' certa, me chamaste a toda a hora :
 (Disse-lhe) *tólo! forte tólo!* Quanta vez!...
 Pois vais saber o que eu te *chamo* agora,
 Meu pobre soberano de entremez...
 Eu já te digo!...»

Num ápice o prostrou;
 Com pele azul e tudo o devorou...
 — *Chamou-lhe um figo!*

ALICE

Quem faz mal, espere outro tal.

HELENA

E ; quem tudo quiere, tudo perde!

MARIA

; E acabou-se o conto, sem que eu acrescentasse um ponto! Já vejo que sabemos todos muitos provérbios... Se êle há tantos! E' bom sabê-los porque são um dos ornamentos mais curiosos e tradicionais das línguas...

JOSÉ

... e, como diz o meu professor de português, «abundam extraordinariamente no idioma lusitano», onde são ditos... e ditados, como parte inseparavel da nossa língua imortal.

MARIA

Não os esqueçamos, pois, — porque «a sabedoria das nações avalia-se pela freqüência dos seus anexins» (*) e sua qualidade. — ; Agora, toca a estudar!

(*) TEÓFILO BRAGA.

ALICE

Se queres alegria, semeia e cria.

HELENA

Segue a formiga, se queres viver sem fadiga.
(Apagando a lanterna :) Acabou-se o cinema, acabaram-se, por hoje OS PROVÉRBIOS — essas simples palavras que são as velhas falas do Povo. .

(Todos, cantando e dando-se as mãos :)

*Palavras leva-as o vento,
Costuma dizer a gente.
Leva-as, espalha-as, semeia-as:
Faz como aos grãos da semente. (*)*

(*) ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA.

ANA DE CASTRO OSORIO

A Arvorezinha e o Menino

DIALOGO

R 1350

Anna
falsa

35.59

PERSONAGENS :

Uma MENINA com uma arvorezinha na mão. Ar sério e bondoso.

Um RAPAZINHO dirigindo-se-lhe como quem a vai cortar, com um canivete na mão. Modos atrevidos.



A ÁRVORE

O' meu pequeno selvagem,
; O que vens aqui fazer?
; ; Arrancar a bôa amiga
Que inda te pode valer?!

O MENINO

O que fazer aqui venho
E coisa bem acertada;
Arranjar uma varinha,
P'ra bater na canzoada.

A ÁRVORE

Cometes dois grandes crimes:
(Não te dou aprovação)
Trocar a morte p'la vida,
Castigar sem ter razão.

O MENINO

Ironico:

Dar a morte pela vida,
; Essa opinião é bem fútil!
; Não me dirás, hastezinha,
Qual o teu destino útil?

A ÁRVORE

Por essas palavras tontas
Bem vejo tua ignorancia;
Se me deixares viver
Verás a minha importância.

Com sentimento:

Hôje sou simples vergôntea
Quasi sem folha e raiz,
Amanhã serei a árvore
que toda a gente bendiz.

Á terra darei a sombra
E a humidade criadora;
Ao homem trarei saúde,
Fatura compensadora.

E tu mais tarde, já velho,
Debaixo de mim sentado,
Ouvirás dos passarinhos
O amoroso gorgeado.

Ameaçando e aconselhando:

¡ O' menino, toma tento,
Olha bem para o que fazes!...
Matar uma árvore é crime,
Que só fazem maus rapazes.

O MENINO

Eu não sei se tens razão
Ou será tudo *cantata*;
O que te posso dizer
É que quero uma chibata.

A ÁRVORE

Se queres uma chibata
É bem facil de encontrar,
Uma haste não fará falta,
Tronco não deves cortar.

O MENINO

Sério:

Pois está dito, bôa árvore,
Não usarei crueldade,
E daqui para o futuro
Em mim verás amizade.

E a toda a gente direi
Todo o bem que tu nos fazes.
Ninguem mais te fará mal,
Nem meninas nem rapazes.

LUÍS D'ALMEIDA NOGUEIRA e PAULINO DE OLIVEIRA

O Menino do Chicote

COMÉDIA EM UM ACTO PARA DOIS RAPAZINHOS

POR

BERTA VADIER

(Adaptada do francês)

PERSONAGENS:

RENATO II, príncipe de Arles

PEDRO, seu pagem, *O Menino do Chicote* (*)

A acção passa-se no século xv. Trajos da época. Um salão. Porta á direita. Porta á esquerda.

(*) Eram assim denominados os pagenzinhos, companheiros dos príncipes, que tinham o encargo de levar os castigos que os seus pequenos amos mereciam, pois era contra a etiqueta os príncipes serem castigados.



SCENA I

RENATO

(Entra pela direita a recitar, com um livro debaixo do braço)

Sou Dom Renato Segundo
Dêste grande principado,
Mas tentilhão antes fôsse
Que vôa alegre no prado...
; Eu sou Renato Segundo
Dêste grande principado!

; ; Quem já disse: «como um príncipe
E's alegre e divertido?!»
Mas diz-se dum tentilhão
Ao ouvir o seu chilrido...
; Tentilhão antes eu fôsse,
Para ser mais divertido!

(Voz natural) ; Não ha meio de se ser feliz com um preceptor! (Abrindo o livro) ; Oh! ; estas aborrecidissimas lições! (Fechando-o) ; Quasi não as estudo, isso é verdade! E não estudaria absolutamente nada, se não fosse o meu Pedro, o meu pobre pagenzinho, que é açoitado em vez de

ser eu, quando não estudo e não sei as lições.
 ; E' muito injusto! Quando eu fôr homem, hei-
 de mudar tudo, hei-de suprimir esse velho cos-
 tume. Nunca mais existirão «meninos açoita-
 dos», nem preceptores. (A rir-se.) ; Preceptores,
 sobretudo, nunca mais! ; Mas onde estará o meu
 Pedro? Com toda a certeza no jardim. (Sáí pela
 esquerda e ouve-se-lhe a voz, chamando:) ; Pedro!
 ; Pedro!

SCENA II

PEDRO

(Entrando a recitar, pela esquerda; está só em scena.)

Todo o dia e a toda a hora
 Tenho bôlos, como dôce...
 ; Mas pão negro antes tivesse,
 Um mendigo antes eu fôsse!

Que toda essa *doçaria*
 Eu bem sei como é que a amargo...
 Sou o menino do açoite,
 E' esse o meu triste cargo.

Veludos cobrem meu corpo,
 Sêdas eu trajo a granel,
 ; Pobrezinho antes eu fôsse
 E só vestisse burel!

Que debaixo dêste luxo
 Sinto o corpo retalhado;
 Espio as faltas do príncipe...
 ; Sou o menino açoitado!

Sim, quem não estuda é o príncipe e quem leva pancada sou eu. (Sorrindo-se) Pois a etiqueta não permite que se fustigue o seu augusto... (Indica a parte onde se costumam dar os açoites) e o pobre do meu é que recebe as vergastadas. Não mas dão muito de rijo, ; lá isso é verdade! Eu é que grito muito, em comparação com as dôres que tenho de sofrer... mas é para bem do príncipe. Ele é meu amigo, lá isso é, e tanto assim que, para me poupar algumas chicotadas, vai aprendendo as lições... apenas lá uma vez por outra, não muitas, ; oh, não! Mas enfim, já é uma grande cousa: ; sempre são umas pancadas que levo a menos! ; Em todo o caso, o príncipe Renato é tão agradável! ; E' uma pena êle ser assim tão preguiçoso! ; Oh! tem que se emendar, custe o que custar; o papagaio e eu forçá-lo hemos a isso. Ensinei hoje ao *Loiro* três palavrinhas... que hão-de produzir o seu efeito, se êle as souber dizer a propósito.

SCENA III

PEDRO e RENATO

RENATO

(Já sem o livro) Estava á tua procura. ; Como tens passado?

PEDRO

; Oh! monsenhor, muito mal... ; Ai! ; Ui!
(Esfrega-se atrás.)

RENATO

; Meu pobre Pedro! A mim tambem me doi,

quando te vergasteiam. Tu recebes as pancadas... e eu sinto-as aqui. (Põe a mão do lado do coração.)

PEDRO

E' facil dizer isso, meu senhor ; mas, no entanto, é o meu... (Põe a mão atrás) é o meu... dôrso que é esfolado.

RENATO

(Vivamente) E o meu coração, que está sempre a sangrar por ti. ; Ontem gritavas por tal forma ! Foi em vão que me refugiei na outra extremidade do castelo, e de ouvidos tapados : os teus gritos continuavam, apesar de tudo, a perseguir-me por toda a parte.

PEDRO

; Ai ! é que ontem... ; Ai ! ; Ai ! ; Ai ! (Esfrega-se novamente.)

RENATO

; Mas sério : ainda sofres, dize ?

PEDRO

; Oh ! sim, meu Senhor, ainda me doi de ontem. (Com esperteza.) E, além disso, já começa a doer-me de hoje...

RENATO

Não ; eu hoje hei-de saber a lição.

PEDRO

(Com alegria.) ; Saberá com toda a certeza, meu Senhor ? ; Ah ! ; Como lhe sou agradecido, meu principe ! ; Convir-me-ia tanto ser apenas chicoteado de dois em dois dias !

RENATO

(Abraçando-o) ; Meu pobre Pedro! Hei-de indemnizar-te, tem a certeza disso. Quando fôr eu a mandar, quando fôr eu o dono dêste castelo, tornar-te hei rico e senhor poderoso. Serás o meu primeiro ministro.

PEDRO

(Num tom queixoso.) ; Sim . . . mas por enquanto ainda sou o «Menino do Chicote», ainda sou a vossa vítima!

RENATO

Mas eu quero-te como a um irmão, eu que não tenho nenhum.

PEDRO

(A sorrir) O que é bem bom para mim, meu Senhor, porque se tivésseis um irmão e se êle se parecesse convôsko, como não tenho dois. . . (Aponta para trás) ; Ai! ; Ai! ; Ai!

RENATO

(Algo impaciente) Já te disse que hoje hei-de saber a lição.

PEDRO

Para a saber, meu Senhor, é, primeiro que tudo, necessario estudá-la.

RENATO

E' o que eu quero fazer. De resto, é muito pequenina, é apenas um rondó àcêrca do estudo, como vais vêr. ; Ah! . . . lá esqueci o livro no jardim.

PEDRO

Vou eu buscá-lo.

RENATO

Não; eu é que sei onde o deixei. Pelo caminho, dou os bons dias ao meu *Loiro* e ofereço-lhe uns bolinhos doces, dêsses de que êle tanto gosta. (Sáí pela esquerda.)

SCENA IV

PEDRO

(Só, rindo) E como agradecimento, receberás, monsenhor, um bom conselho. Assim o espero, pelo menos. (Dirige-se para a porta da esquerda e põe-se à escuta.) ; Bem, bem! Está feito. ; Valente *Loiro!* (Esfrega as mãos de contente.)

SCENA V

PEDRO e RENATO.

RENATO

(Entra a correr, com o livro na mão.) ; Estou furioso! Imagina tu que êsse insolente papagaio, êsse ingrato *Loiro* que eu, todos os dias, mimoseio com dôces, teve agora o atrevimento de me dizer: «; Estuda a lição, preguiçoso!» (Pedro ri) ; Dá-te vontade de rir?

PEDRO

Pois isso é tão engraçado, meu Senhor.

RENATO

¿Achas?... Quis fazer com que êle se calasse; mas quanto mais eu insistia, mais ele se animava e redobrava de insolencia. Tive de fugir para o não estrangular.

PEDRO

¡ Oh! meu senhor!

RENATO

(Entreabrindo a porta) E êle a continuar, ¿ouves? «¡ Preguiçoso! preguiçoso!» ¡ Apre! ¡ Vou já imediatamente torcer-lhe o pescôço!

PEDRO

(Retendo-o) ¡ Oh meu senhor! ¡ O pobre *Loiro!* Não cometeis tamanha vingança.

RENATO

¡ Hei-de estrangulá-lo, já o disse! ¡ E mandarei dar cem vergastadas, bem dadas, a quem o exercitou tão bem! ¿ Mas como descobrí-lo? ¡ Ora, que importa! mandarei fustigar todos.

PEDRO

(Com firmeza) Não, meu Senhor, não o fareis; o culpado sou eu.

RENATO

¡ Tu! ¡ E's tu quem faz com que êsse infame papagaio me insulte! ¡ E eu sou tão estúpido que já estava disposto a estudar o rondó! ¡ Ah! não contem com isso! ¡ Não hei-de estudar nem

patavina! (Atira, furioso, com o livro para o chão) E tu é que serás chicoteado; e só terás o que mereces. De resto, estás aqui só para isso: és o «Menino do Chicote».

PEDRO

Hei-de gritar, meu Senhor.

RENATO

Póis grita à vontade.

PEDRO

Será em vão que tapareis os ouvidos, e de balde que fugireis...

RENATO

Não hei-de fugir, não hei-de tapar os ouvidos: antes pelo contrário.

PEDRO

E o vosso coração há-de sangrar...

RENATO

¡Nada! ¡porque a partir deste momento, detesto-te!

PEDRO

¡Oh! meu senhor!

RENATO

¡Sim, detesto te! Pois concebe-se lá malícia igual à tua! ¡Eu que gostava tanto de ti, eu que imaginava que eras meu amigo!

PEDRO

(Com toda a seriedade) E um amigo sincero, sim meu Senhor.

PEDRO

; Muito bem ! ; Muito bem !

RENATO

(Continuando a recitar.)

Estudar é encantador,
E' só habituar-se a gente...
Antes que o gôsto tomêmos
Custa um pouco, francamente...
Mas ingratos não sejâmos ;
; Não ha graça como a sua !
Digâmos, em termos vivos :
; Quando a gente se habitúa,
O estudo tem atractivos !

PEDRO

; Bravo, bravo, monsenhor ! ; Como soubestes
tão depressa !

RENATO

(Com alegria.) ; Foi quasi que sem querer !

PEDRO

; De modo que, se o quisêsseis, eu só apanha-
ria com as vergas um dia sim outro não ?

RENATO

(Compassivo.) O que já seria duro bastante
para ti, meu pobre Pedro ; ; não achas que seria
talvez melhor nunca mais lebares pancada ?

PEDRO

Mas isso é impossivel, meu Senhor.

RENATO

¡ Porquê, já que o nosso *Loiro* é quem agora tem o santo e a senha ?

PEDRO

¡ Ah ! ¡ meu príncipe, como eu vos quero, como vos sou reconhecido ! (Beija-lhe as mãos.)

RENATO

(Sorrindo.) Apenas o primeiro passo é que custa :

Estudar é encantador,
E' só habituar-se a gente...

¡ Vamos agora a brincar !

PEDRO

(Indicando o publico.) Mas primeiro é preciso...

RENATO pega-lhe na mão e ambos cumprimentam.

OS DOIS

Bondosos espectadores :
Os dois pequenos actores
Que haveis tido aqui em scena,
Nesta comedia pequena,
Ficar-vos-iam bem gratos
(¡ Reparai que são novatos !...)
Do fundo das suas almas,
Se lhes désseis umas palmas.

(Cai o pano)

PAULINO DE OLIVEIRA

O Senhor Sete

Monologo para menino

A' distinta escritora alemã e infatigavel lusofila D. Luísa Ey, em memoria do notavel publicista Dr. Trindade Coelho.

1870

O. S. S. S.

1870

1870

1870

1870

1870

1870

1870

1870



Conhecem o *sete*... ; E' número
De minha forte arrelia!...
Co'o *sete* eu durmo de noite,
Co'o *sete* eu ando de dia.

Não sei se o aborrecem todos...
; Cá para mim é maçada!
Trago-o sempre junto ao corpo...
; Na minha roupa marcada!

Não ha senhor mais falado
Que o número chamado *sete*...
Em tudo mete o bedêlho,
; E com todos se intrômete!

Sete p'ra aqui e p'ra ali,
Sete p'ra trás e p'ra diante...
; Hão-de convir que é estopada
Em demasia maçante!

; *Sete, sete, sempre sete,*
Qual parafuso sem fim!
Sete me chamam... e *sete*
E' tudo em volta de mim.

Se faço um leve barulho,
Vem o director lampeiro :
— « ¡ Até parece que estão
Sete pobres num palheiro ! »

Se, um dia, em tudo trabalho,
Sem descansar uns momentos :
Sou « homem dos sete officios »,
« Homem dos sete instrumentos ».

Mas se descanso . . . , e contente,
Regalado folgo, em suma,
« ¡ 'Stou nas minhas sete quintas ! »
¡ Eu, que não tenho nenhuma !

Se ando mudo, a meditar,
Ou trago uns modos mais graves,
Oiço logo : « ¡ traz segredos
Fechados a sete chaves ! »

Mas se rompo a falar alto,
Mais sacudido, á lição,
Diz o mestre : « ¡ que respondo
Com sete pedras na mão ! »

¡ Não vá eu perceber logo,
Qualquer coisa . . . sem ter pressas !
Grita-me : « ¡ não é nenhum
Bicho de sete cabeças ! »

A's vezes, quando é ao lanche,
(Porque vá já longe o almoço)
Todos á fruta se deitam . . .
« ¡ São sete cães a um osso ! »

Porque um dia me ajudaram
Dois primos, numa façanha . . .
Logo ouvi : « ¡ sete alfaiates
Para matar umá aranha ! »

; Pois eu provei que de mim
 Não se faz gato sapato!
 E que tenho sete fôlegos,
 P'ra resistir, como o gato.

; Oh diabo!... ; Vejam isto!...
 ; Que algarismo mais *cacete*!...
 ; Tem tal influencia, que eu proprio
 Sem querer, emprego o sete!...

Se não olho direitinho,
 E só *pesco* alguma cousa
 De soslaio... «; tenho as manhas,
 Sete manhas da rapoza!...»

; Mas vá lá olhar de frente!...
 Berram logo: (; que injustiça!...)
 «; Tem os sete olhos pregados,
 De quem o mundo cobiça!»

; ; Já viram perseguição
 Mais cruel e arrelienta!?...
 ; De tão falado, este sete
 Até parece... setenta!

Diz-me um garoto, uma noite:
 «; ; Dize lá, oh *meu arara*,
 Quantos buracos nós temos...
 Quantos buracos na cara!?»

Ora vejam... contem bem...
 ; Sete desses buracos são!
 Fiquem contando os senhores...
 Se é certo depois dirão.

Para não ser maçador,
 Como esse num'ro... de vez
 Findo a *amolação* dos setes...
 ; Vou fugir a sete pés!

(Voltando, no caso de haver *chamada*, em aplausos :

Eu creio que perceberam . . .
; Tudo comigo se mete ! . . .
; Que eu, p'ra todos os efeitos,
Lá na escola sou o *Sete* !

E que *pinto o sete* (dizem)
A's vezes . . . (; que indiscreção !)
; ; Se eu sou o *Sete*, que admira
Que o pinte, na perfeição ! ?

(No caso de continuarem os aplausos, ou de pedir
rem *bis* :)

A proposito de *sete* :
Desejava ser viajante,
P'ra dormir mais uma hora . . .
; Pois só dão seis ao estudante !

Entre os *setes* e mais *setes*
Da minha sensaboria,
Devo dizer que ha alguns
Que dão prazer e alegria.

Um, só de nêle pensar,
Os dedos ponho a lambê-los . . .
; E' melhor que a pêra nata,
A de sete cotovêlos !

E isto aqui á puridade :
P'ra ser franco, direi mais :
Não torço o nariz a todos . . .
A alguns pecados mortais.

Uma cousa nas patranhas
Me faz quedar silencioso :
; A Tradição diz que o sete
E' conta de mentiroso !

! Que eu a Tradição respeito,
Dos tempos que já lá vão,
Em que as mulheres vestiam
Sete saias de balão!

Por fim... não lhes contarei
Que seja: *fazer o sete*...

(Piscando o olho.)

Perguntem aos namorados,
Como aos homens do *valéte*.

LUÍS D'ALMEIDA NOGUEIRA

Os dois meninos bem educados

DIALOGO PSICOLOGICO

(Imitado do francês, de YVONNE SARCEY)

Scênazinha para quatro personagens
e muitos figurantes

PERSONAGENS

GUILHERME, nove anos. Vaidoso, affectado.

RUI, dez anos. Modesto e delicado.

A MÃE DE GUILHERME.

O SUJEITO IDOSO.

(Este ultimo personagem, desempenhado por um rapaz crescidinho, passeia a passos lentos durante a acção toda, parecendo embebido na leitura dum jornal. Passa com frequencia proximo do banco onde estão os dois rapazitos «bem educados» (cada um a seu modo), e cujo curioso dialogo os espectadores vão ouvir, como a pintura autentica e naturalissima de *dois caracteres* — infantis, mas muito nitidamente definidos.)

NOTA. — Todos os personagens deverão ser desempenhados por crianças de diferentes idades e devidamente caracterizadas, em harmonia com os respectivos papéis.



SCENA UNICA

A scêna representa o parque de um hotel e a acção passa-se na actualidade.

No fundo vêem-se numerosos hospedes entretidos em diversas occupações: sentados em poltronas ou a passearem, lendo, conversando, tomando refrêscos, descansando, senhoras trabalhando em bordados, lavôres, etc.

No primeiro plano, um banco de jardim, desocupado. Um rapazito (GUILHERME) vem correndo atrás duma bola de «foot-ball», fazendo-a rebolar pelo chão. Outro rapazito (RUI) corre em sentido contrario com um arco. Chegados junto do banco, sentam-se ambos, esfalfados, e quasi sem darem um pelo outro. Após uns momentos, travam o seguinte diálogo:

GUILHERME

Dize, ¿ queres conversar comigo um bocado?

RUI

(Todo contente.) Pois sim, vamos lá.

GUILHERME

¿ Como te chamas tu?

RUI

Rui.

GUILHERME

Eu, Guilherme.

(Silencio prolongado.)

GUILHERME

¿ Sôbre que havemos de falar ?

RUI

(Após alguma hesitação.) Preferia antes que brincassemos.

GUILHERME

(Escandalizado.) ; Ora, ora ! ; com êste calor !
; 'Stás doido, meu caro !

RUI

(Conciliador, mas com um suspiro.) Bem, conversemos então.

(Nova pausa prolongada.)

GUILHERME

¿ Quantos «autos» tens tu ?

RUI

(Que supõe ter ouvido mal.) ; Que dizes ? ; Quantos . . . ?

GUILHERME

(Elevando muito a voz.) Digo, pergunto : ; Quantos automoveis tens ?

RUI

(Imaginando que se trata duma brincadeira, põe-se a rir a bandeiras despregadas, num riso que lhe enche de covinhas as maçãs do rosto.) ; Mas as crianças nunca teem automoveis !

GUILHERME

(Encolhendo os ombros.) Pois se os pais os teem, dá na mesma. ¿ Quantos «autos» tem *teu pai*, — se gostas mais assim ?

RUI

(Um tanto confuso e ligeiramente inquieto.) Não tem nenhum.

GUILHERME

(Com ares importantes.) Pois eu tenho cinco. O papá diz constantemente que, quando se não compra um *auto* novo todos os anos, fica-se com velhas caranguejolas. Então, vende cada ano o pior e compra o que ha de mais caro.

(Rui, em absoluta incompetencia no assunto, fica estupefacto perante tais revelações e entende dever guardar um silencio prudente.)

GUILHERME

¿ Que marca preferes ?

RUI

(Espantado.) ¿ O quê ?! ¿ Que marca ? ¿ Marca de quê ?

GUILHERME

(Impaciente.) ¿ Não percebes então nada ? Pergunto se gostas mais dos *De Dion*, ou dos *Serpollet*, dos *Dietrich*, dos *Mercêdes*, dos *Peugeot*, dos ... ?

(Nêste momento vê-se aparecer ao longe, no mesmo arruamento em que está situado o banco, uma senhora magnificamente vestida de branco, com rendas inglesas, valencianas, tules, etc., fundindo-se tudo para emmoldu-

rar uma beleza muito artificial, mas deslumbradora. Este papel deve ser desempenhado por uma menina crescida.)

GUILHERME

(Precipita-se nessa direcção e, chegado junto da mãe, beija-lhe distraidamente a luva e, como um «gentleman», apresenta-lhe o seu novo amigo.) Mamã, apresento-te o meu amigo Rui.

(Rui, como que abismado, vermelho como um pimentão, não cuida em se levantar, amachuca nervosamente o boné entre os dedinhos e aguarda em silencio as palavras que vão sair dessa bôca de fada.)

A DAMA

(Reforça o seu ar pretencioso, e relanceando para o «selvagenzito» um olhar de alto a baixo, pronuncia com ares de rainha:) Adeus, Guilherme. Vou sair; tem juizo.

(GUILHERME, depois de beijar a mão á mãe, volta a sentar-se ao lado de RUI.)

RUI

(Querendo simultaneamente ser agradável e desviar a conversa, demasiado desportiva para os seus gôstos.)
; É bem bonita, a tua mamã!

GUILHERME

(Desatando num riso irónico e mau.) ; Oh! ora, ora! é que nunca a viste de manhãzinha... ; Quando a abraço, meu velho, fico todo pegajoso! ; E a quantidade de boiõezinhos de tinta encarnada, branca, preta... que ela precisa, para ficar como acabas de a vêr!

RUI

(Altivo perante a superioridade da ideia que vai exprimir) A mim, quem me educa é a mamã.

GUILHERME

(Com naturalidade) Ah!... ¿Então os teu pais são pobres?

RUI

(Profundamente ofendido e com ar digno) Não sei, nunca lhes perguntei.

GUILHERME

(De braços cruzados) ¿Então nunca sabes nada?

RUI

(Numa explosão de cólera, réplica, fóra de si) ¿Sei, sim! ¿sei que me estás aborrecendo! ¿Pronto!

GUILHERME

(Dando-se ares conciliadores) Então, vamos lá, meu velho, não te zangues; vamos falar noutra coisa, se ainda queres conversar...

RUI

(Tranquilizado) Pois sim.

(Novo silencio prolongado)

GUILHERME

¿Pensas que se há-de encontrar o assassino?

RUI

(Admirado) ¿Que assassino?

GUILHERME

(Escandalizado com tamanha ignorancia) ; O assassino do Humberto, é boa! Ora essa! não lêste?! ; O que é que lê, então?

RUI

(Ingenuamente) Leio as *Fábulas em Verso*, *A Cabana do Pai Tomás*, *A Minha Pátria*, *O Trabalho Bendito*, *Os Filhos do Capitão Grant*... mas nunca li «O assassino de Humberto».

GUILHERME

(Encolhendo desdenhosamente os ombros) ; Eu falei-te no capitão Grant?... Pergunto-te que jornal lêste? ; Que jornal? ; Se é o *Diário de Notícias* ou *A Luta*, *O Século*, *a Capital*, *o Comércio do Porto* ou *O Mundo*?

RUI

(Simplesmente) Eu cá, jornais, lia o *Gafanhoto* e agora *O Tico-Tico* e o *Jornal das Crianças*...

GUILHERME

; Isso não são jornais sérios, bem vê!... Eu leio o *Diário de Notícias*, porque traz «casos da rua» espantosos e histórias, meu caro, ; não te digo nada! histórias de fadistas e de *apaches*, ; que fazem rir às gargalhadas! ; Teem uma graça e são tão curiosas, não imaginas! (Põe-se a rir, dando palmadas no banco.)

RUI

São exactamente essas que a mamã não quiere que eu leia.

GUILHERME

A mim, o meu mestre deixa: diz que ao menos, enquanto as leio, êle fica em paz. ; E mesmo que não deixasse, eu bem havia de saber apanhar-lhe o jornal.

(Nêste momento, a mãe de Rui levanta-se e acena-lhe de longe. Os dois rapazitos trocam um apêrto de mão, e Rui vai ter com a mãe, desaparecendo da scena. GUILHERME fica só no 1.º plano. No fundo vêem-se os frequentadores habituais do parque do hôtél. O SUJEITO IDOSO continúa passeando no parque; ao passar junto de GUILHERME pergunta-lhe:)

O SUJEITO IDOSO

; Então já não brincas com o teu amigo Rui?

GUILHERME

(O futuro proprietário dos cinco automoveis responde sêcamente) Não; a mamã acha-o mal-criado. (E acrescenta, com espantosa firmeza) ; A mamã é muito exigente na escolha dos meus amigos! (Dizendo isto, afasta-se brincando, e sai.)

O SUJEITO IDOSO

(Que ouvira o diálogo todo, afasta-se a passos lentos, exclamando filosoficamente) ; Ah! como são felizes as crianças que não teem *autos*, nem *misses*, nem *preceptores*, nem *frauleines*, mas apenas uma mãe inteligente para os educar e um coraçãozinho cheio de fé para a admirar e adorar...

(Cai o pano)

those coming
to

5



INDICE

	Pag.
O Segrêdo de Araci, <i>comedia em verso</i>	5
O Mêdo, <i>comedia em prosa</i>	21
O Colibri e as Flôres, <i>quadro em verso</i>	53
Sabedoria do Povo, <i>comedia em prosa e verso</i>	59
A Arvorezinha e o Menino, <i>dialogo em verso</i>	99
O Menino do Chicote, <i>comedia em prosa e verso</i> ..	105
O Senhor Sete, <i>monólogo em verso</i>	119
Os dois meninos bem educados, <i>episodio em prosa</i> .	127
Um Discurso na Festa da Arvore, <i>monólogo em verso</i>	139

ACABOU DE SE IMPRIMIR A 5 DE
MAIO DE 1913 NA IMPRENSA LIBANIO
DA SILVA, T. DO FALA-SÓ, 24-26,
LISBOA

ERRATAS PRINCIPAIS

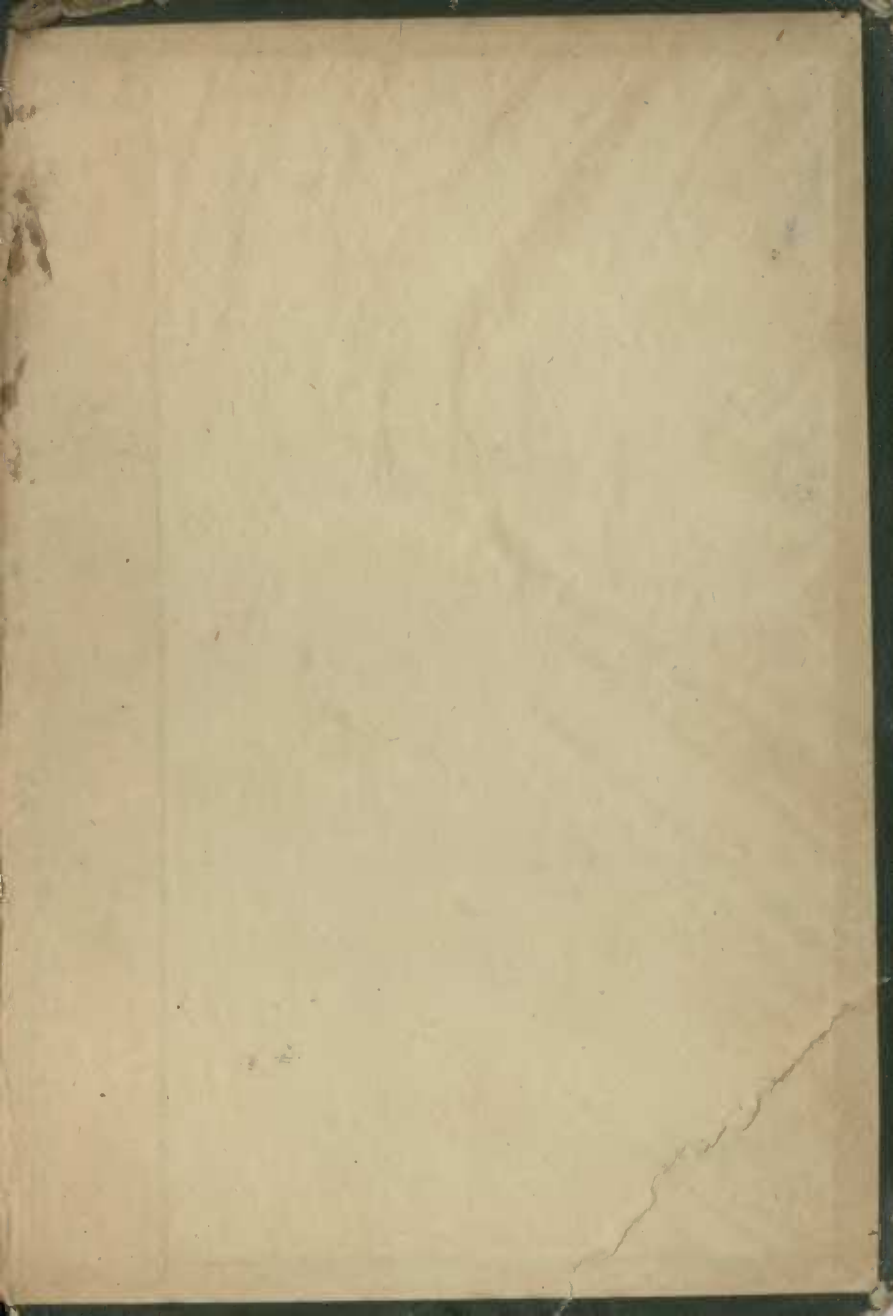
- Pag. 6, 7, 12, 20, 22, 23, e 60 — *onde se lê* — cena — *leia-se*
— scena
- Pag. 35 — *onde se lê* — sport — *leia-se* — desporte
- Pag. 54 e 56 — *onde se lê* — Crisantêmo — *leia-se* — Crisântemo
- Pag. 59 — *onde se lê* — Luiz — *leia-se* — Luís
- Pag. 63 — *onde se lê* — distração — *leia-se* — distracção
- Pag. 63 — *onde se lê* — áparte — *leia-se* — àparte
- Pag. 69 — *onde se lê* — Es — *leia-se* — E's
- Pag. 73 — na Scena IV, *onde se lê* — RUI e HELENA — *leia-se* — RUI e MARIA
- Pag. 96 — *onde se lê* — Muito bem! — *leia-se* — Muito bem!
Bravo!



1315 + 100

1810

17



NB



•EF 0000745509•

B

P. 16